



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Ingrid Iris Pereira
Luana Precioso Alvarenga

Reflexões sobre a sexualidade na adolescência:
uma abordagem em tempos de pandemia para alunos do Ensino Médio

São José do Rio Preto

2022

Ingrid Iris Pereira
Luana Precioso Alvarenga

Reflexões sobre a sexualidade na adolescência:
uma abordagem em tempos de pandemia para alunos do Ensino Médio

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas, junto ao Conselho de Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Raul Aragão Martins

São José do Rio Preto
2022

Pereira, Ingrid Iris.

Reflexões sobre a sexualidade na adolescência : uma abordagem em tempos de pandemia para alunos do ensino médio / Ingrid Iris Pereira, Luana Precioso Alvarenga. - São José do Rio Preto, 2022

52 f. : il.

Orientador: Raul Aragão Martins

Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura – Ciências Biológicas) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

1. Ciências da vida – Estudo e ensino. 2. Educação sexual – Ensino médio. 3. Adolescentes - Comportamento sexual. 4. COVID-19. 5. Pandemia.
I. Alvarenga, Luana Precioso. II. Título.

CDU – 574(07)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Ingrid Iris Pereira
Luana Precioso Alvarenga

Reflexões sobre a sexualidade na adolescência:

uma abordagem em tempos de pandemia para alunos do Ensino Médio

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas, junto ao Conselho de Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Raul Aragão Martins

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Raul Aragão Martins
Departamento de Educação/ IBILCE-UNESP
Presidente da Banca

Prof^ª. Dr^ª. Paula Rahal
Departamento de Ciências Biológicas/ IBILCE-UNESP
1^ª examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Gisele Rodrigues Cucolo
Escola Estadual Deputado Bady Bassit
2^ª examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Regina Bonini Domingos
Departamento de Ciências Biológicas/ IBILCE-UNESP
Suplente

São José do Rio Preto
17 de janeiro de 2022

AGRADECIMENTOS

Aos nossos pais, familiares e amigos, que nos apoiaram e incentivaram durante toda essa jornada árdua de aprendizado.

Ao IBILCE, que nos proporcionou novos vínculos e vivências inesquecíveis, e acima de tudo, o acesso à Educação Pública que ainda é restrito no Brasil.

A todos os professores, do ensino básico ao ensino superior, que construíram as pontes do conhecimento para que pudéssemos chegar até aqui.

À Escola Estadual Deputado Bady Bassit, em especial à professora Gisele Rodrigues Cucolo, que nos recebeu de braços abertos e esteve sempre à disposição.

Aos alunos da escola em questão, que tornaram nosso magistério uma realidade, mesmo com todos os obstáculos decorrentes da pandemia da COVID-19.

Às professoras Paula Rahal e Claudia Regina Bonini Domingos, por quem temos grande admiração, que aceitaram nosso convite para integrar à comissão da banca examinadora.

Ao nosso orientador Raul Aragão Martins, que nos guiou em todo esse processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, que além de ser um profissional de excelência, mostrou-se também uma pessoa muito compreensiva e digna de apreço.

Por fim, à comunidade científica, que trabalhou incansavelmente no desenvolvimento das vacinas contra o novo coronavírus, que mesmo com políticas públicas ineficientes, salvaram muitas vidas.

“A sexualidade permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade. Sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender.”

Deborah Britzman (2018, p. 112-113)

RESUMO

A sexualidade, em seu sentido mais complexo, é a força motora que impulsiona os comportamentos humanos. No Brasil, as primeiras discussões sobre a inclusão da Educação Sexual nas escolas tiveram início na década de 1920. Desde então, o assunto sempre foi tratado com base em aspectos biologizantes e higienistas. Pensando em ampliar o debate sobre sexualidade na sala de aula, o presente trabalho tem como principal objetivo, oferecer aos alunos de Ensino Médio, informações saudáveis e confiáveis sobre diversas questões que envolvem a sexualidade. Através do Estágio Curricular Supervisionado, as estagiárias puderam observar a dinâmica das aulas de biologia, conhecer novas metodologias de ensino, aplicar formulários, ministrar aulas, desenvolver atividades práticas e produzir materiais didáticos. Em decorrência da pandemia da COVID-19, todo o trabalho foi pensado e adaptado a fim de contornar os desafios do momento atual. A análise dos resultados foi feita por meio da categorização das respostas aos formulários, em gráficos de pizza e coluna. Apesar de manifestarem conhecimento em diversos assuntos sobre a temática, as concepções dos alunos ainda são muito pautadas em noções simplistas e conservadoras. A partir do estudo dos dados e da participação dos alunos nas aulas, concluiu-se que as atividades desenvolvidas foram importantes tanto para a formação individual e profissional das estagiárias, quanto para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos sobre questões que envolvem a sexualidade.

Palavras-chave: Reflexões sobre sexualidade. Sexualidade. Ensino Médio. Adolescência. Pandemia.

ABSTRACT

Sexuality, in its most complex sense, is the driving force that drives human behaviors. In Brazil, the first discussions on the inclusion of Sexual Education in schools started in the 1920s. Since then, this subject was always treated based on biological and hygienist aspects. Thinking about broadening the sexuality debate in the classroom, the present work aims to provide to High School students healthy and reliable information about several issues involving sexuality. Throughout the Supervised Curricular Internship, the interns could watch the dynamics of biology classes, meet new teaching methodologies, apply forms, teach classes, develop practical activities and produce educational material. Due to COVID-19 pandemic, the entire work was planned and adapted in order to overcome challenges imposed by the current scenario. The analysis of the results was performed by categorizing the responses to the forms, in pie and column charts. Despite expressing knowledge about the subject, the students' conceptions are still very set on simplistic and conservative notions. From the study of data and the students' participation in classes, it was concluded that the activities developed were important as much for the individual and professional development of the interns as the development of students' critical sense about the issues involving sexuality.

Keywords: Reflections on sexuality. Sexuality. High school. Adolescence. Pandemic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelos didáticos de uma vagina e um pênis, respectivamente	23
Figura 2 – Preservativos interno e externo, respectivamente	23
Gráfico 1 – Qual seu sexo biológico?	25
Gráfico 2 – Qual seu gênero?	26
Gráfico 3 – Qual sua série do Ensino Médio?	26
Gráfico 4 – Qual sua idade?	27
Gráfico 5 – Para você o que é um corpo?	27
Gráfico 6 – O que você entende por "intersexualidade"? Como você descreveria uma pessoa intersexo?	28
Gráfico 7 – Você sabe a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?	29
Gráfico 8 – Na sua visão, qual a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?	29
Gráfico 9 – Na sua opinião, o que é sexo?	30
Gráfico 10 – Você enxerga o sexo como uma ato?	31
Gráfico 11 – Você sabe o que são IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis)?	32
Gráfico 12 – Você conhece os métodos contraceptivos? Se sim, quais?	32
Gráfico 13 – Você acha que todos os métodos que previnem a gravidez não planejada também combatem as IST's?	33
Gráfico 14 – Você sabe identificar os tipos de assédio e abuso sexual nos diferentes ambientes sociais?	33
Gráfico 15 – Na sua visão, qual a influência da indústria pornográfica nos padrões corporais?	34
Gráfico 16 – Na sua visão, qual a influência das mídias (TV, Facebook, Instagram, etc) nos padrões corporais?	35
Gráfico 17 – Em suas aulas de anatomia do corpo humano, você aprendeu sobre a diversidade dos corpos?	36
Gráfico 18 – O que você considera um relacionamento saudável com o próprio corpo?	36
Gráfico 19 – Para você, qual a importância da Educação Sexual nas escolas?	37
Gráfico 20 – Sobre quais assuntos você gostaria de aprender nas nossas aulas de Educação Sexual?	38

Gráfico 21 – O que você achou do conteúdo teórico do material didático?	39
Gráfico 22 – O que você achou da aparência do material?	39
Gráfico 23 – Você recomendaria o material para alguém?	40
Gráfico 24 – Você pretende utilizar o material como fonte de consulta para possíveis dúvidas?	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
ATPC	Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CID	Classificação Internacional de Doenças
COVID-19	Coronavirus Disease – 2019
DIU	Dispositivo Intrauterino
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GIV	Grupo de Incentivo à Vida
HIV	Human Immunodeficiency Virus
HPV	Human Papiloma Vírus
IBILCE	Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
IMP	Instituto Maria da Penha
IST's	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, entre outros
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
Trans	Transexuais/Transgêneros
TV	Televisão
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Estágio Curricular Supervisionado.....	7
1.2 Breve histórico da Educação Sexual no Brasil.....	8
1.3 O universo da temática de sexualidade.....	10
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivos específicos.....	14
3 CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR E DO PÚBLICO-ALVO.....	15
4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	16
4.1 Período de observação das aulas e reforço escolar.....	16
4.2 Período de regência das atividades elaboradas.....	17
4.2.1 Modalidade virtual.....	17
4.2.2 Modalidade presencial.....	22
4.3 Período de produção do material didático.....	24
5 RESULTADOS.....	25
5.1 Análise do formulário de conhecimentos prévios.....	25
5.2 Análise dos formulários pós-aula.....	38
5.3 Análise do formulário de avaliação do material didático.....	39
6 DISCUSSÃO.....	41
7 CONCLUSÃO.....	41
8 CARGA HORÁRIA EFETUADA.....	42
REFERÊNCIAS.....	43
BIBLIOGRAFIA DE APOIO ÀS AULAS.....	46
APÊNDICES.....	48
APÊNDICE A – Formulário de conhecimentos prévios.....	48
APÊNDICE B – Formulário referente à aula 1.....	49
APÊNDICE C – Formulário referente à aula 2.....	50
APÊNDICE D – Formulário referente à aula 3.....	50
APÊNDICE E – Formulário referente à aula 4.....	50
APÊNDICE F – Formulário referente à aula 5.....	51
APÊNDICE G – Formulário de avaliação do material didático.....	51

1 INTRODUÇÃO

1.1 Estágio Curricular Supervisionado

Os Estágios Curriculares Supervisionados III e IV integram, com caráter obrigatório, a estrutura curricular do curso de Ciências Biológicas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) instituída pela Resolução UNESP 96/99. A vivência do estágio na modalidade Licenciatura apresenta como principal finalidade agregar ao desenvolvimento acadêmico e profissional dos professores em formação (UNESP-IBILCE, 2009, p. 01).

O estágio deve ser supervisionado por um profissional nomeado pelo Departamento de Educação e por um profissional da Escola, onde o estágio é realizado e orientado por um profissional ligado à UNESP, disposto a acompanhar seus orientandos durante todo o estágio (UNESP-IBILCE, 2009, p. 02). Os estagiários, por sua vez, devem elaborar Planos de Estágio para os Ensinos Fundamental II ou Médio, que se enquadrem em uma das seguintes categorias: pesquisa e elaboração de material didático; pesquisa em ensino de Ciências e Biologia; didática ou outras propostas de interesse da Universidade, do aluno e/ou da Escola (UNESP-IBILCE, 2009, p. 01).

Com a observação das aulas, o acompanhamento direto dos espaços escolares e as atividades desenvolvidas no estágio, os alunos de licenciatura são capazes de identificar metodologias de ensino, exercitar suas habilidades docentes e, sobretudo, experienciar a realidade educacional que o espera (UNESP-IBILCE, 2015, p. 16). Desse modo, “o estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional” (FILHO, 2010 apud BERNARDY; PAZ, 2012, p. 01).

Com o advento da pandemia da COVID-19, todos esses objetivos tornaram-se mais complexos e difíceis de serem alcançados. Novas formas de ensinar e aprender foram estabelecidas, de modo que todos os envolvidos no projeto de estágio tiveram que se adaptar ao novo cenário. Para tanto, as estagiárias desenvolveram atividades na área da “Educação Sexual” para alunos do Ensino Médio de escola pública, por meio do ensino híbrido, predominantemente, remoto. De certa forma, o trabalho concebido integrou os três pilares do estágio: pesquisa, didática e produção de material didático.

1.2 Breve histórico da Educação Sexual no Brasil

No Brasil, as primeiras discussões sobre a inclusão da Educação Sexual no currículo escolar tiveram início na década de 1920, com um enfoque nos aspectos biológicos e higienistas daquele período. Tempos mais tarde, ao redor dos anos 1960, um ar de “renovação pedagógica” dominou a atmosfera brasileira, e os debates sobre a sexualidade foram fortalecidos pelos movimentos feministas, gays e lésbicos emergentes. Nesse clima, algumas instituições escolares começaram um trabalho de organização de programas em Educação Sexual. Entretanto, todas essas novidades pedagógicas foram sufocadas pela Ditadura Militar que foi implantada em 1964. A partir de então, a maioria das iniciativas a favor da inserção obrigatória da Educação em sexualidade no currículo escolar foram reprimidas pelo regime de opressão da época. Aquelas que conseguiram “sobreviver” tornaram-se marcos na luta pela redemocratização do país. Com isso, a escola passou a ser um lugar de resistência e a Educação Sexual uma promessa de libertação da diversidade corporal (CÉSAR, 2009, p. 39-41).

Em contrapartida, a década de 1980 foi marcada por um conjunto de mudanças sociais induzidas pela instituição do processo democrático no Brasil, tendo a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), como o marco simbólico que proporcionou uma percepção ampliada de cidadania no país. Nesse cenário estendido de conquista de direitos, houve a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 (BRASIL, 1990), garantindo por meio de leis a proteção de pessoas menores de 18 anos que vivem no país, também foi aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). No entanto, o discurso acerca da Educação em sexualidade desse período ainda possuía um caráter exclusivamente biologizante e higienista, devido ao medo que tomava conta do mundo naquela época, a epidemia do HIV/AIDS. A maior preocupação das instituições escolares era fornecer informações confiáveis sobre o “sexo seguro” aliado à prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST's), em especial o HIV/AIDS, e da gravidez não planejada na adolescência (CÉSAR, 2009, p. 42).

Em meio a toda essas mudanças políticas-educacionais, em 1997, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), e na busca de compreender os direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental, integrados à realidade social, os PNC passaram a englobar os Temas Transversais. Dessa forma, questões de Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual começaram a fazer parte da

escolarização nacional (BRASIL, 1997, p. 15). A ideia de transversalidade deve-se ao fato de que esses temas devem ser introduzidos em áreas do conhecimento já existentes e no trabalho educativo da escola. Vale evidenciar que a demanda pela Educação em sexualidade nas escolas também derivou da dificuldade das famílias em dialogar abertamente e com propriedade sobre essa temática dentro de casa (BRASIL, 1998, p. 77).

De um modo geral, os PCN delegam à Educação Sexual a função de abordar, no âmbito social, o papel social do homem e da mulher e o respeito por si e pelo outro, no âmbito da saúde pública, problemas graves como a violência sexual, o avanço de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) e a gravidez não planejada na adolescência. No documento, a sexualidade é tida como uma parte inerente do indivíduo, “[...] que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte” (BRASIL, 1998, p.81). No entanto, segundo Guacira Louro (2018, p.11) a sexualidade é uma construção social desenvolvida ao longo de toda a vida, de várias formas e por todos os sujeitos, de tal modo que as transformações que ocorrem na sociedade instituem novas formas de ser e viver. Sendo assim, a sexualidade ultrapassa os limites da individualidade, tornando-se uma questão política e social, enquanto a Educação Sexual nas escolas passa a ser, acima de tudo, um ato de resistência, quando segmentos conservadores da sociedade não a aceitam.

Infelizmente, nos dias atuais, a maioria dos programas nessa área não aderem essa concepção político-social ao redor da sexualidade. Mesmo sabendo que o ser humano é um animal social, o indivíduo ainda é debatido isolado do todo, como se seu corpo físico fosse dissociado de seus comportamentos sociais. Tratar do indivíduo sem admitir a dinâmica da vida em sociedade é como estudar uma célula sem reconhecer o funcionamento do organismo. O entendimento da sexualidade deve permitir ao indivíduo posicionamentos conscientes em todos os espaços de socialização (UNESCO, 2014, p.11), bem como a consciência de que a existência individual é tão importante quanto a do outro. Através de discussões abertas e sinceras, pretende-se desenvolver uma abordagem em sexualidade que vai além de tratar o bem-estar físico e a potencialidade reprodutiva do corpo biológico, relacionando-se também à psique do corpo social e à saúde coletiva. O propósito central do trabalho se resume, portanto, em alcançar o mínimo de conscientização sobre o valor do próprio corpo e do corpo do seu semelhante.

1.3 O universo da temática de sexualidade

O corpo é o centro de todas as discussões. Onde houver corpo, haverá sexualidade. Segundo o sociólogo Jeffrey Weeks (2018, p.65):

[..] a sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos) e com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo). As duas estão intimamente conectadas, porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades.

Por meio de uma rápida pesquisa no *Google* pela palavra “corpo”, é possível perceber que a definição se resume à estrutura física de um indivíduo e nada além disso. Segundo o significado apresentado no Dicionário Online de Português, corpo é uma "constituição ou estrutura física de uma pessoa ou animal, composta por, além de todas suas estruturas e órgãos interiores, cabeça, tronco e membros". Embora o corpo em si seja universal, “a percepção ou interpretação do que seja o corpo é bem subjetiva ou individual e com respostas bem localizadas culturalmente” (CAVALCANTI, 2005, p.53).

Do ponto de vista social, o corpo não é apenas uma matéria ocupando lugar no espaço. Segundo a UNESCO (2014, p. 45), “[...] o corpo é o instrumento que o indivíduo tem para se relacionar com os outros no mundo e consigo mesmo, o corpo é o lugar da vivência da sexualidade”. O corpo não é só um conjunto de órgãos, ossos e pele, possui também um sistema nervoso responsável pelo controle das funções orgânicas e emocionais do corpo e suas interações. Dessa forma, a sexualidade não se limita somente às possibilidades do corpo físico, relaciona-se também às fantasias, curiosidades e experiências socialmente vividas (WEEKS, 2018, p. 46). Considerando que a sociedade e os corpos estão em constante transformação, as identidades não são releituras diretas do corpo, mas sim construções instáveis e plurais interpeladas por diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais (LOURO, 2018, p. 13).

Segundo Louro (2018, p.17), “[...] aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam.” Partindo disso, a sociedade institui padrões físicos corporais e atribui rótulos às identidades, a fim de enquadrar de forma estereotipada as pessoas em determinados grupos. Historicamente, o modelo socialmente aceito refere-se ao homem cisgênero, heterossexual, branco e de classe média/alta. Portanto, os indivíduos que

fogem a essa norma são marginalizados e discriminados de maneira sutil ou violenta (LOURO, 2018, p.18).

De um modo geral, o Brasil é um país com altos índices de violência de gênero, envolvendo vítimas de diversas faixas etárias. Conforme os dados apresentados no boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, entre 2011 e 2017, foram registrados 184.524 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, demonstrando um crescimento de 83% das notificações gerais neste período (BRASIL, 2018). O estudo revelou que a maioria dos agressores eram do gênero masculino, enquanto a maior parte das vítimas eram do gênero feminino e negras, evidenciando a desigualdade racial e de gênero presente no país. A pesquisa também mostrou que a maioria dos casos eram recorrentes, sendo praticados dentro do núcleo de convívio da vítima, ou seja, os agressores geralmente faziam parte da família (BRASIL, 2018).

Agravando ainda mais esse cenário de violência, no início de 2020 foi declarada a transmissão comunitária de um novo coronavírus causador da pandemia da COVID-19. A essa altura, é de conhecimento geral que o isolamento social foi e ainda é uma das medidas de segurança adotadas pelos órgãos de saúde pública de vários países que enfrentam a pandemia. Todavia, como aponta Marques et al. (2020, p. 01), de início, não foram ponderadas as consequências severas desse distanciamento social nos relacionamentos interpessoais, como no caso do crescimento da violência doméstica. Já no princípio da pandemia, as denúncias de abuso sexual contra mulheres, crianças e adolescentes aumentaram de maneira significativa em escala global, o que indica a correlação direta entre a atual pandemia e os casos de violência doméstica. Para muitos, o que antes era um lar, hoje é um espaço de medo e abuso. Devido à recomendação de se manter dentro de casa, muitos casos são invisibilizados, e o agressor permanece impune (MARQUES et al., 2020, p. 01-02).

Ao inclinar essa análise também sobre os corpos LGBTQIA+, a situação fica ainda mais crítica, uma vez que, fundida ao machismo estrutural, encontra-se a homotransfobia. O relatório “Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil” de 2020 relatou mortes violentas de 237 pessoas da comunidade LGBTQIA+, sendo que 224 foram homicídios e 13 suicídios, alertando para as inúmeras subnotificações decorrentes da pandemia (BAHIA, 2021, p. 10).

O boletim nº 002-2021, articulado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) revela que no 1º semestre de 2021, 80 pessoas trans foram assassinadas e 9 cometeram suicídio no Brasil. Apesar de ser um número expressivo, a

violência contra esse grupo é recorrente no país. Somente no ano de 2020, houve um recorde de assassinatos contra travestis e mulheres trans, somando 175 casos. Ainda conforme a ANTRA, comparando com o ano de 2017, as pesquisas mostraram que a idade das pessoas trans mais jovens assassinadas caiu de 17 para 13 anos, sendo que a maioria restante não ultrapassava 35 anos de idade (estimativa média de vida de uma pessoa trans). Além disso, o levantamento expôs que a maior parte das vítimas eram do gênero feminino e negras (ANTRA, 2021, p. 01-02).

Em julho de 2020, um jovem de 21 anos foi agredido com pauladas, pedradas e teve seu corpo queimado até a morte, o crime foi causado por homofobia (DOIS, 2020). Em janeiro de 2021, uma adolescente trans de apenas 13 anos foi assassinada de uma forma brutal por um adolescente de 17 anos, tornando-se a vítima fatal mais jovem na história do monitoramento da ANTRA (TRANS, 2021). No mês de junho do mesmo ano, uma mulher trans de 32 anos teve 40% do seu corpo queimado por um adolescente no Centro de Recife, indo a óbito 15 dias depois (MORRE, 2021). Em julho de 2021, um jovem brasileiro gay de 24 anos foi espancado até a morte por um grupo de pessoas após uma festa na Espanha (ASSASSINATO, 2021). Essas notícias são apenas um recorte mínimo do cenário de LGBTQIA+fobia do Brasil, o país que mais mata pessoas transexuais, homossexuais e bissexuais no mundo.

Todos as formas de violência são reproduzidas nos mais diversos ambientes, como nas próprias instituições de ensino e nas mídias sociais. Segundo Louro (1997, p.58), a escola sempre delimitou espaços e separou os sujeitos por meio de diferentes mecanismos de classificação e hierarquização. Nela, existe o lugar “certo” dos grandes e dos pequenos, dos meninos e das meninas (LOURO, 1997). A escola não só reflete os estigmas presentes na sociedade, como também os reproduz dentro da própria sala de aula. Tendo como exemplo, em agosto de 2018, após se assumir homossexual para família e amigos, um menino norte-americano de apenas 9 anos foi encontrado morto dentro de seu lar. O suicídio foi cometido em decorrência dos ataques homofóbicos sofridos na escola (PAINS, 2018).

Com o avanço da tecnologia e o advento das redes sociais – *Instagram, Facebook, Twitter, TikTok*, entre outras – realidades alternativas foram criadas e novas formas de relacionamentos interpessoais foram surgindo. Em contrapartida, a privacidade e a autonomia sobre o próprio corpo foram sendo perdidas. Ao mesmo tempo em que os ambientes virtuais são acolhedores e repleto de oportunidades, servem de palco para discursos de ódio e violência psicológica e/ou moral contra os próprios usuários. Três anos mais tarde do crime

mencionado acima, em agosto de 2021, um adolescente brasileiro de 16 anos também cometeu suicídio dentro de sua casa, após ser vítima de ofensas homofóbicas na internet, mesmo anunciando ser hétero (JUNTOS, 2021).

Nem sempre o agressor estabelece uma relação direta com o corpo atingido, como é o caso da indústria pornográfica. Segundo a neurocientista Rachel Anne Barr, a saúde mental e a vida sexual de muitos indivíduos são diretamente afetadas pela indústria pornográfica. Os materiais audiovisuais pornográficos são considerados fortes estímulos para a plasticidade cerebral – a capacidade dos neurônios de se reestruturarem ao viver uma experiência nova (BARR, 2019).

Com o passar do tempo, seus usuários começam a desenvolver certa tolerância aos conteúdos, um efeito análogo ao uso de substâncias viciantes. Cenas convencionais não conseguem mais satisfazer suas necessidades sexuais. O sexo do mundo real se torna menos atraente, o que justifica a incidência de disfunções sexuais. Muitos relacionamentos e compromissos afetivos também são afetados pelo consumo compulsivo de pornografia (BARR, 2019).

Inicia-se, então, uma busca incansável por vídeos com temáticas extremas, como incesto, estupro, e diversas outras formas de violência. Essa naturalização da violência sexual pode se tornar um gatilho para comportamentos violentos na vida "fora das telas" (BARR, 2019). Além disso, a indústria pornográfica influencia na criação e propagação de padrões corporais socialmente aceitos. Os corpos são representados como máquinas, com aparências definidas e desempenhos irrealistas. Além da objetificação, sobretudo das mulheres, há uma fetichização marcada dos corpos que fogem ao padrão de beleza.

A sexualidade constitui o cerne de cada corpo em construção. Portanto, a alta exposição dos adolescentes a conteúdos midiáticos violentos e deturpados está se tornando cada vez mais nociva à saúde mental e física desses jovens, o que foi agravado na pandemia. É dever das instituições escolares e seus educadores, perceber as juventudes e satisfazer suas curiosidades através de informações confiáveis e saudáveis. Conforme expõe Carrano (2011, p. 205) citado por Dias (2013, p. 6474), a escola deveria "[...] educar para o desenvolvimento de novas formas de olhar baseadas na capacidade da interpretação – e também de destruição simbólica – dos signos produzidos pelos diferentes centros e condicionamento das subjetividades". Somente assim a escola é capaz de cumprir com seu papel de inclusão da diversidade.

No entanto, revolucionar os modos tradicionais de ensino não é uma tarefa simples. Um único indivíduo é atravessado por diversos marcadores sociais de gênero, classe, raça, idade, crença, orientação sexual, e assim por diante. Somente através do estudo da interseccionalidade será possível compreender a complexidade dos sujeitos e alcançar a equidade entre eles. Enquanto indivíduo social, a prática mais urgente para que isso se torne uma realidade é desconfiar do que é considerado “natural” e “imutável”. Na escola, é preciso questionar não apenas o que é ensinado, mas a forma como se ensina, a linguagem deve ser livre de todo e qualquer tipo de discriminação (LOURO, 1997, p. 63-64).

Para contemplar o universo da sexualidade e desconstruir uma visão distorcida, o presente trabalho aborda o indivíduo em sua completude biológica, psíquica e social. O projeto se baseou em uma sequência lógica e interdisciplinar de conteúdos científicos que exploram diversas questões sobre o corpo humano. Todos os conhecimentos foram transmitidos para alunos do Ensino Médio por meio de diálogos horizontais e saudáveis. “A sexualidade permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade. Sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender” (BRITZMAN, 2018, p. 112-113).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O trabalho desenvolvido no estágio teve como principal objetivo abordar a temática de Educação Sexual com alunos do Ensino Médio, promovendo o acesso a informações científicas e confiáveis, de modo a contribuir com a construção de mentes entusiastas e indagadoras acerca da temática de sexualidade.

2.2 Objetivos específicos

- Agregar à formação curricular de Biologia dos alunos, oferecendo debates e atividades que vão além do que é tratado em um plano de ensino tradicional;
- Propor aos alunos discussões sobre diversas questões que envolvem o universo da sexualidade, para que desenvolvam consciência e senso crítico acerca dos assuntos debatidos;

- Levar os alunos a refletirem sobre as questões de formação do indivíduo na sociedade como um corpo em constante construção;
- Propiciar a vivência das estagiárias no ambiente escolar (físico e virtual), contribuindo para seus crescimentos profissional e individual.

3 CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR E DO PÚBLICO-ALVO

O estágio foi realizado durante o ano letivo de 2021, na Escola Estadual Deputado Bady Bassit localizada na cidade de São José do Rio Preto, próxima ao IBILCE. A estrutura física da instituição oferece equipamentos eletrônicos como televisão, aparelho de som e computadores, suficientes à concretização das ações presenciais. O corpo da escola é constituído por alunos do Ensino Médio e uma equipe multidisciplinar de professores de diferentes áreas do conhecimento.

Devido à pandemia da COVID-19, a maior parte do estágio não se desenrolou no espaço físico da instituição escolar, mas sim pelo *Google Meet*, plataforma utilizada para as aulas, e pelo *WhatsApp*, principal meio de comunicação com os alunos. No aplicativo, foram criados grupos de todas as turmas, aos quais as estagiárias também faziam parte. Os ambientes virtuais sempre foram reconhecidos por facilitar a comunicação entre seus frequentadores. Todavia, sob a perspectiva educacional, o distanciamento com os alunos é um obstáculo no processo de ensino-aprendizagem, tornando o magistério uma tarefa bastante desafiadora.

Quanto ao público-alvo, todas as atividades propostas no projeto de estágio foram pensadas e desenvolvidas para todas as etapas do Ensino Médio, que englobam alunos com idades entre 15 e 19 anos. Os alunos eram divididos em oito turmas diferentes, de acordo com o grau de escolaridade – 1º A, 1º B, 1º C, 1º D, 2º A, 2º B, 2º C e 3º A – totalizando 214 alunos.

Embora ainda existam muitas restrições quanto à aplicação de projetos na área da sexualidade, a escola em questão sempre consentiu e apoiou o desenvolvimento de trabalhos como esse, reconhecendo a importância da Educação Sexual na formação dos estudantes. O projeto possui aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), CAAE: 48293921.8.0000.5466.

4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

4.1 Período de observação das aulas e reforço escolar

A fim de entender melhor a dinâmica da disciplina de Biologia e conhecer as turmas de Ensino Médio, a primeira etapa do estágio voltou-se à observação das aulas e ao acompanhamento dos alunos. Durante o primeiro semestre do ano letivo de 2021, foram assistidas aulas de biologia (pelo *Google Meet*), da professora Gisele Rodrigues Cucolo, e eventualmente, da professora Vânia Santos. Todas as turmas do Ensino Médio foram acompanhadas, tornando possível contemplar uma enorme gama de conteúdos e diferentes ferramentas didáticas.

Além das aulas de Biologia, as estagiárias observaram algumas aulas de Orientação de Estudos, assim como participaram de Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), as quais também sucediam no *Google Meet*. As ATPC são reuniões entre o corpo docente, a direção e a coordenação pedagógica, que complementam a jornada de trabalho docente, visando a formação continuada dos professores e o aprimoramento de suas práticas com foco no processo de aprendizagem dos estudantes (SÃO PAULO, 2020, p. 03).

Paralelo à observação da disciplina, ocorreram aulas de reforço escolar de Biologia, que puderam ser ministradas pelas estagiárias das professoras Gisele e Vânia. A essa altura, parte das atividades escolares já estavam acontecendo na modalidade presencial, seguindo as devidas medidas protetivas regulamentadas pelo estado e município. No entanto, tendo em vista o cenário ainda conturbado e a impossibilidade de algumas estagiárias e de muitos alunos frequentarem o espaço físico escolar, a coordenação escolar acatou a sugestão de realizar plantões *online* àqueles que não podiam comparecer à instituição.

As estagiárias que aqui se apresentam optaram por ministrar os plantões na modalidade remota, que aconteciam uma vez por semana. Para isso, foram preparadas listas de exercícios de vestibular destinadas a todas às turmas, com o esforço de tentar abranger todos os assuntos aprendidos na semana experimentada. Quando oportuno, também haviam discussões sobre temas socialmente relevantes, curiosidades científicas e vivência universitária. Apesar de pouco ocupado, o espaço virtual dos plantões era uma grande oportunidade, tanto para os alunos quanto para as estagiárias, de aprender através da troca de conhecimentos e experiências.

4.2 Período de regência das atividades elaboradas

Após a fase de acompanhamento das aulas e aplicação do reforço escolar, houve um intervalo para o preparo das aulas que estavam previstas no plano de estágio e o envio do formulário (APÊNDICE A) criado no *Google Forms*, via *WhatsApp*. O questionário tinha o intuito de apresentar o projeto aos alunos e recolher informações sobre seus conhecimentos prévios e expectativas quanto às aulas de Educação Sexual.

Nesse período, também foi criado um grupo no *WhatsApp* exclusivo para o projeto de “Educação Sexual”, a fim de facilitar o diálogo com os alunos interessados no programa. Isso porque, os grupos comuns de *WhatsApp* das turmas estavam sempre congestionados de informações e não permitiam mensagens dos estudantes.

Após esse espaço de tempo, iniciou-se no segundo semestre, o período de regência, cujo processo cumpriu-se em dois ciclos simultâneos, um virtual e outro presencial.

4.2.1 Modalidade virtual

Na modalidade virtual, foram ministradas cinco aulas síncronas de aproximadamente uma hora, através de salas virtuais *Google Meet*. Um tempo antes de cada aula, o link de acesso à sala era enviado aos alunos em todos os grupos de *WhatsApp*, inclusive no grupo particular. Com a finalidade de alcançar o máximo de estudantes, também foi feita a busca ativa com a criação de listas de transmissões voltadas à divulgação das aulas.

Logo, os alunos de toda a escola podiam participar das aulas. Mas infelizmente, a frequência era muito baixa – a média era de aproximadamente cinco alunos por aula. Mesmo assim, todas as aulas foram lecionadas em sua totalidade.

Ao final de toda aula, os alunos recebiam pelo *chat*, o formulário com breves questões sobre os assuntos abordados. Algumas perguntas eram retiradas do primeiro formulário, para analisar a evolução das respostas, enquanto outras não tinham vínculo com o formulário prévio.

Devido ao fato de que muitos alunos não puderam comparecer às aulas *online* ao vivo, todas as aulas foram gravadas e disponibilizadas em uma pasta criada no *Google Drive*, com acesso livre à visualização concedido aos alunos da escola.

Abaixo, encontram-se as descrições das aulas.

Aula 1 – “Você conhece o corpo?”

Antes de dar início ao conteúdo, houve uma breve apresentação das estagiárias e do propósito do programa, que é ensinar sobre sexualidade de maneira saudável e aberta.

Nesse primeiro encontro, a discussão foi centrada no corpo. A princípio, os alunos foram questionados sobre a diferença entre o corpo biológico e o corpo social. Após a indagação, foram apresentados os conceitos de corpo biológico e corpo social com base nas definições do Dicionário Online de Português e da UNESCO (2014), respectivamente. Utilizou-se do artigo “O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo” de Cavalcanti (2005). A partir do entendimento de que o corpo é a “morada” da sexualidade, definiu-se o conceito de sexualidade, com base nas filosofias de Weeks (2018) e Louro (2018), presentes na coletânea “O corpo educado”. Trazendo a discussão para os dias atuais, estabeleceu-se a relação do corpo com as mídias sociais, introduzindo a questão dos padrões corporais socialmente construídos em um sistema capitalista. Essa teoria baseou-se no artigo “Corpos da moda: mídia e padrão de beleza” de Pinto (2019). A parte teórica se encerrou com a reflexão de que os corpos são diversos e os padrões corporais irreais.

A atividade prática dessa aula consistiu na análise de imagens de propagandas e publicações polêmicas, com a intenção de identificar os estereótipos, padrões de beleza e discriminações como racismo, capacitismo, homotransfobia e gordofobia. Ao final de todo o diálogo, foi enviado pelo *chat* o formulário referente à primeira aula (APÊNDICE B).

Aula 2 – “A (des)construção das identidades sociais”

O debate girou em torno da construção do sujeito na sociedade. Em um primeiro momento, perguntou-se aos alunos se eles sabiam qual era o primeiro ato jurídico realizado após seu nascimento. A partir disso, foi introduzido o “sexo biológico” e a divisão de macho, fêmea e intersexo. Dando continuidade à discussão, foi abordado o conceito de “identidade de gênero” e a classificação cisgênero, transgênero e transgênero não-binário. Nesse momento, também foi levantada a história por trás do termo travesti. Ainda na perspectiva de gênero, foi debatida a questão da “expressão de gênero” – performances de drag king, drag queen e crossdresser. O último recorte apresentado foi o da “orientação sexual” e suas identificações: heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual e assexual. Também foram apresentados alguns comportamentos homoafetivos e biafetivos no Reino Animal. É

importante ressaltar que, a cada passagem, eram explicadas as diferenças entre cada um desses atributos do indivíduo, deixando explícito o significado biológico e social de cada um deles.

A interseccionalidade foi apresentada como forma de finalizar a discussão, a partir da visão de que um único sujeito é atravessado por diversos marcadores sociais. Dependendo das categorias em que esse indivíduo se encontra, ele é mais vulnerável a sofrer discriminações, preconceitos e outros tipos de violência. A intenção era que os estudantes reconhecessem que o processo de identificação é complexo e pode durar anos, mas todas as identidades são válidas e dignas de respeito.

As principais obras utilizadas para embasar a teoria foram “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos” de Jesus (2012) e Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero” de Firmino e Porchat (2017).

A atividade prática dessa aula consistiu na apresentação de personagens famosos de filmes e animações, que fogem da heterocisnormatividade, evidenciando a importância da representatividade no processo de inclusão social. Ao final de todo o diálogo, foi enviado pelo *chat* o formulário referente à segunda aula (APÊNDICE C).

Aula 3 – “Explorando o corpo humano”

Questionando o modo como os livros de Biologia e Ciências apresentam o corpo humano, as diferenças entre os corpos foram apresentadas com base, exclusivamente em características físicas, evitando termos de gênero. Por entender que a vivência humana vai muito além da reprodução e da propagação da espécie, os sistemas genitais não foram trabalhados com foco somente em sua função reprodutiva. Para isso, foi demonstrada a anatomia das genitálias de pessoas com vagina, de pessoas com pênis e as variações do aparelho genital intersexo. Para isso, utilizou-se imagens e conhecimentos teóricos de livros científicos, como Anatomia Humana de Martini, Timmons e Tallitsch (2009).

Com base no que foi exibido, os estudantes foram questionados se a vagina e o pênis seriam elementos determinantes no gênero de uma pessoa ou não. Entendendo que essa premissa é falsa, a discussão voltou-se à despatologização de corpos intersexo e transexuais, contrastando a perspectiva médica com a dos movimentos sociais e entidades éticas. Seguindo a linha de raciocínio, a discussão percorreu o processo de transexualização, com foco no

princípio de que nenhuma modificação corporal é capaz de determinar o gênero de uma pessoa, pois a transgeneridade é uma questão identitária de nascença e não cirúrgica. Os materiais usados para embasar essas teorias foram o artigo “Intersex: o que você precisa saber sobre o I em LGBTI+ no Dia da Visibilidade Intersexual” do Grupo dignidade (2019); a notícia “OMS retira transexualidade da lista de doenças e distúrbios mentais” do Governo Federal (2018) e a “11ª Classificação Internacional de Doenças (CID)”.

O diálogo teórico findou com a desconstrução da ideia enraizada da oposição binária “masculino x feminino”. Os alunos foram levados a questionar tudo aquilo que é considerado “natural” e “imutável”, com base na filosofia de Louro (1997) apresentada em seu livro “Gênero, sexualidade e educação”.

A atividade prática dessa aula tratou-se na exibição do vídeo “Confissões: o dia em que descobri que era intersexual” pelo *YouTube*, para refletir sobre as questões apresentadas durante a aula. Ao final de todo o diálogo, foi enviado pelo chat o formulário referente à terceira aula (APÊNDICE D).

Aula 4 – “O prazer é impuro?”

O ponto central da aula girou em torno do fato de que através do sexo, uma pessoa entra em contato direto com o corpo de outra pessoa, e as consequências desse ato podem não ser as melhores, quando feito sem segurança. A primeira consequência estudada foram as principais infecções sexualmente transmissíveis (IST's), são essas: HIV, sífilis, HPV, herpes, hepatite B, gonorréia e clamídia. Nesse contexto, foram apresentadas as formas de contração e não contração de uma IST, além da importância da prevenção combinada. Utilizou-se as matérias “Infecções Sexualmente Transmissíveis” do Governo Federal (2019) e “O que são IST?” do Grupo de Incentivo à Vida (GIV).

A segunda consequência colocada em pauta foi a gravidez não planejada, incorporando o fato de que homens trans que possuem útero podem gestar e mulheres trans que possuem testículos podem engravidar pessoas com útero, logo, pessoas trans também devem se proteger. Isso foi realizado com o apoio da matéria do Centro de Fertilidade de Ribeirão Preto, “Gravidez trans: entenda como ela é possível” escrita por Pontelo (2021).

Após toda a discussão, foi questionado aos alunos se era possível sentir prazer sem sentir medo. Reconhecendo a possibilidade do sexo seguro, foi demonstrado o uso correto dos preservativos interno e externo através de imagens retiradas do site iSaúde (2012), juntamente

com os cuidados básicos necessários com o preservativo. A importância de usar camisinha no sexo oral também foi destacada, atravessando o tabu de que não existe proteção para uma relação sexual entre duas pessoas com vagina. Além disso, foi mostrada a variedade de métodos contraceptivos para pessoas com útero. A todo momento, foi enfatizado que a camisinha é o único método que protege contra as IST's e a gravidez não planejada, tornando-se indispensável nas relações sexuais. Na finalização da aula, houve uma conversa para desmistificar o sexo, o orgasmo e a masturbação, práticas naturais e saudáveis.

A atividade prática aconteceu em cima dos métodos contraceptivos. Várias imagens sem identificação foram exibidas aos alunos para que eles tentassem adivinhar qual método estava sendo ilustrado. Dentre os métodos expostos, estavam: camisinha interna e externa, diafragma, adesivo anticoncepcional, pílula anticoncepcional, injeção anticoncepcional, DIU, bastão anticoncepcional e anel vaginal. Com o decorrer da atividade, também foram levantadas questões sobre a falta de métodos contraceptivos destinados a pessoas com testículos no mercado farmacêutico. Ao final de todo o diálogo, foi enviado pelo chat o formulário referente à quarta aula (APÊNDICE E).

Aula 5 – “Os limites que não devem ser ultrapassados”

A forma de classificação dos sujeitos e as violências resultantes desse sistema embasaram as problemáticas dessa última aula. A princípio, discutiu-se a maneira como as pessoas são enquadradas de acordo com seus comportamentos, baseando-se nos princípios de Louro (2018), que mostra que aquelas que fogem à regra social são brutalmente violentadas. Para tanto, foram apresentados dados de violência dos corpos “fugitivos da norma”. Os dados foram retirados do Boletim nº 002-2021 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021); do Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil: relatório do Grupo da Bahia (2020); do Boletim epidemiológico do Ministério da Saúde do G1 (2018) e do artigo “A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento” de Marques (2020).

A percepção de que a violência não se restringe à agressão física também foi demonstrada aos alunos, por meio de um quadro com os tipos de violência, adaptado do Instituto Maria da Penha (IMP, 2018).

Seguindo o debate, revelou-se aos estudantes o fato de que essas discriminações estão presentes em todos os ambientes, incluindo a escola e as redes sociais. Nesse sentido, foi

transmitido que nem sempre o agressor estabelece uma relação direta com o corpo abusado, como é o caso da indústria pornográfica. Através da exposição dos danos que os conteúdos pornográficos podem causar, foi estabelecida a relação entre a saúde mental e a vida sexual de seus usuários. As informações dessa parte procederam do artigo “Watching pornography rewires the brain to a more juvenile state” de Barr (2019).

Para concluir, ressaltou-se a importância do autoconhecimento para estabelecer os limites sobre o próprio corpo e construir de relações saudáveis. Quando há conhecimento sobre o próprio corpo, há também aptidão ao respeito à diversidade e às distintas formas de existir no mundo. Essa foi a principal mensagem ensinada na última aula, que foi construída ao longo de todas as outras.

A última atividade prática consistiu na transmissão de duas músicas sobre a temática: “180 – Alok, DJ Victor, MC Hariel, MC Marks, MC Davi, MC Leozinho ZS e MC Dricka (GR6 Explode)” e “Body - Jordan Suaste”. Ao final de todo o diálogo, foi enviado pelo chat o formulário referente à quinta aula (APÊNDICE F).

Ao final desse ciclo, os nomes dos alunos que participaram das atividades foram enviados à professora para que ela atribuisse algum valor extra na nota final.

4.2.2 Modalidade presencial

Na modalidade presencial, foram ministradas duas aulas seguidas de 45 minutos para todas as turmas da 2ª série. Nesse período, a escola já estava funcionando, porém com revezamento e limite de pessoas por sala. As turmas da 2ª série estavam divididas em seis grupos com aproximadamente seis alunos cada, resultando em um total de 12 aulas de 45 minutos ou 6 aulas duplas de 1 hora e 30 minutos.

A fim de abranger o máximo de conteúdos possíveis sem perder a qualidade da comunicação com os alunos, a aula dupla presencial correspondeu a um resumo das cinco aulas desenvolvidas no modo *online*, com ênfase nas informações mais cruciais. Com exceção da última, todas as atividades práticas foram preservadas, acrescidas ainda de uma demonstração com modelos didáticos (Figura 1) do modo correto de usar os preservativos interno e externo (Figura 2), obtidos em um posto de saúde.

Figura 1: Modelos didáticos de uma vagina e um pênis, respectivamente



Figura 2: Preservativos interno e externo, respectivamente



A pedagogia de todas as aulas fundamentou-se no saber de que “[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2002, p. 12). A relação estabelecida com os alunos tinha caráter horizontal baseada em um diálogo de via dupla, a partir do qual, torna-se possível a troca de saberes e a construção de novas visões de mundo,

sem perder de vista o papel central do professor no processo de ensino-aprendizagem. A partir do entendimento de que a posição de professor não o torna detentor de todo conhecimento, a todo instante, os alunos tinham permissão para levantar seus questionamentos e sanar suas dúvidas. A curiosidade dos envolvidos nunca foi reprimida, atendendo a premissa de que “[...] não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (FREIRE, 2002, p. 15).

4.3 Período de produção do material didático

Após o encerramento do período de regência, deu-se abertura à criação do material didático. A principal intenção foi reunir todos os conhecimentos transmitidos no decorrer das aulas em um único documento, tornando acessível a busca por informações confiáveis sobre sexualidade.

Para isso, foi produzido um escrito semelhante a um livro, no formato “*newsletters*” pelo *Canva*, contendo todos os conteúdos lecionados separados em cinco tópicos referentes aos temas de cada aula: 1. *Você conhece o corpo?*; 2. *A (des)construção das identidades sociais*; 3. *Explorando o corpo humano*; 4. *O prazer é impuro?*; 5. *Os limites que não devem ser ultrapassados*. Ao final também foram colocadas todas as referências para que o aluno saiba onde procurar mais informações científicas sobre a temática.

Vale salientar que o material não foi produzido com o propósito de ser lido ininterruptamente. A ideia foi proporcionar aos alunos uma fonte de saberes sobre sexualidade, para que possam tirar suas dúvidas e aprender sobre os temas quando bem entenderem.

Além de disponibilizar o material em formato pdf na pasta do *Google Drive*, um link do *Canva*, que permite sua visualização foi compartilhado na lista de transmissão e em todos os grupos do *WhatsApp*. A fim de receber um retorno dos envolvidos, um formulário de avaliação (APÊNDICE G) foi enviado depois do encaminhamento do material.

Link do [material didático](#) (clique em “material didático” para ser direcionado ao conteúdo).

5 RESULTADOS

5.1 Análise do formulário de conhecimentos prévios

O formulário de conhecimentos prévios foi respondido por 34 alunos de um total de 214. A partir da análise das respostas, foi possível observar que a maioria dos alunos eram do sexo feminino (61,8%), seguido pelo sexo masculino (35,3%). Uma pessoa preferiu não declarar seu sexo biológico (2,9%) e nenhum aluno era intersexo (Gráfico 1). Quando questionados sobre o gênero, todos que declararam ser do sexo masculino eram homens cisgênero (35,5%), ao passo que o número de pessoas do sexo feminino não foi o mesmo, sendo 58,8% mulheres cisgênero e 2,9% preferiu não declarar. A pessoa que preferiu não declarar seu sexo biológico se identificou como gênero fluido (2,9%) (Gráfico 2).

Gráfico 1. Qual seu sexo biológico?

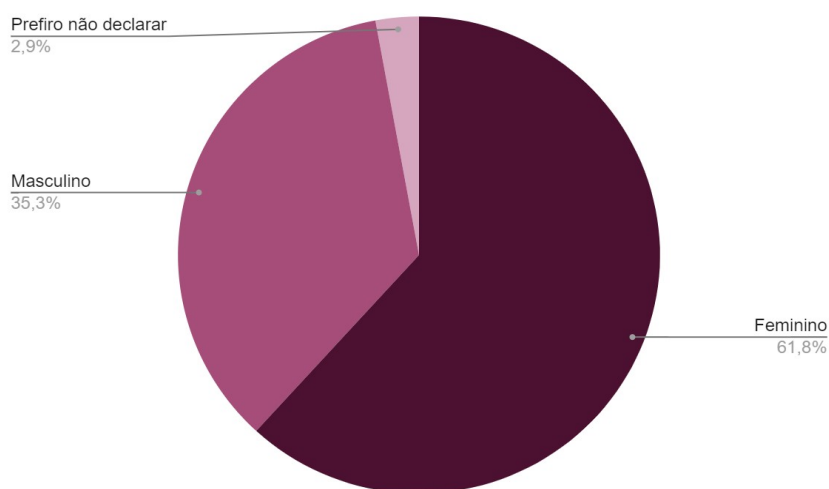
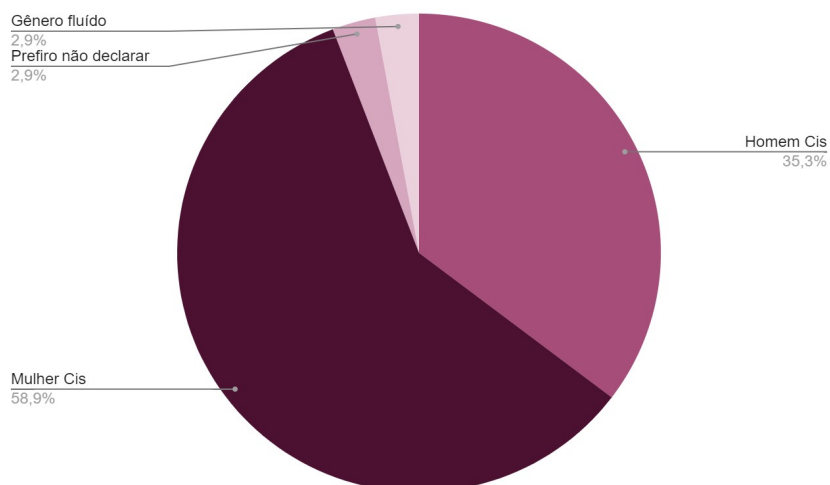


Gráfico 2. Qual seu gênero?

A maior parte dos alunos eram da 1ª série com 58,8%, seguida pela 2ª série com 23,5% e 3ª série com 17,6% (Gráfico 3). As idades predominantes variaram entre 15 e 16 anos, com 32,4% e 38,2%, respectivamente. A porcentagem de alunos com 17 e 18 anos foi a mesma, de 14,7% (Gráfico 4).

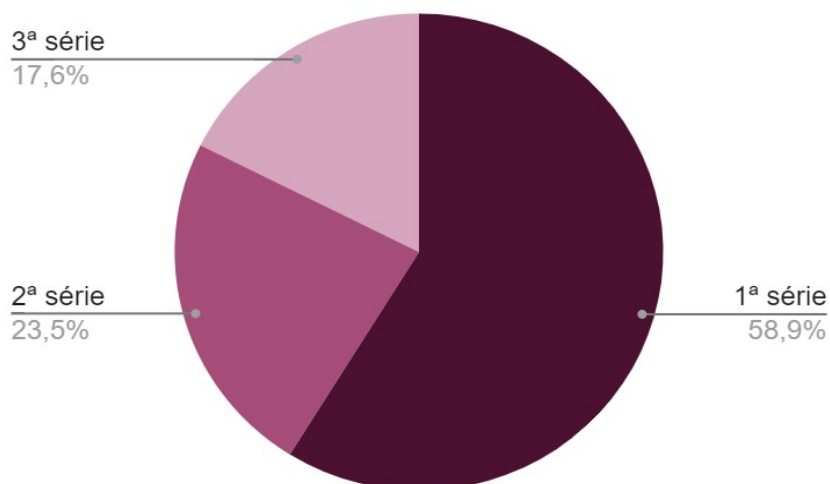
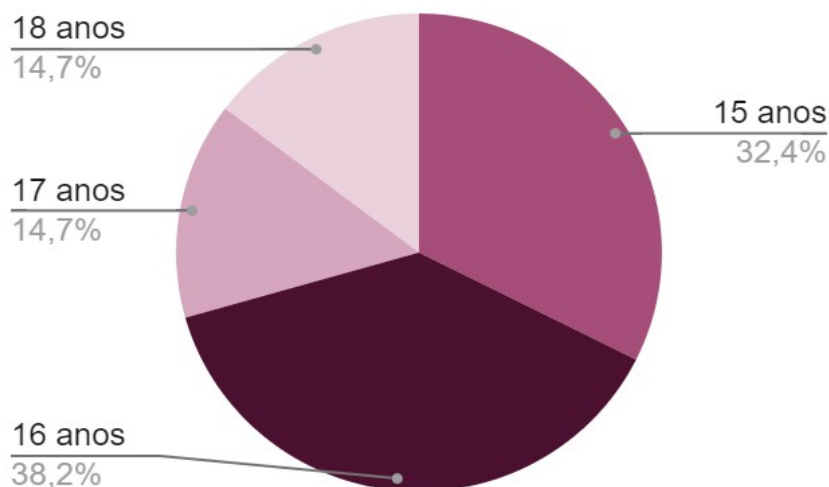
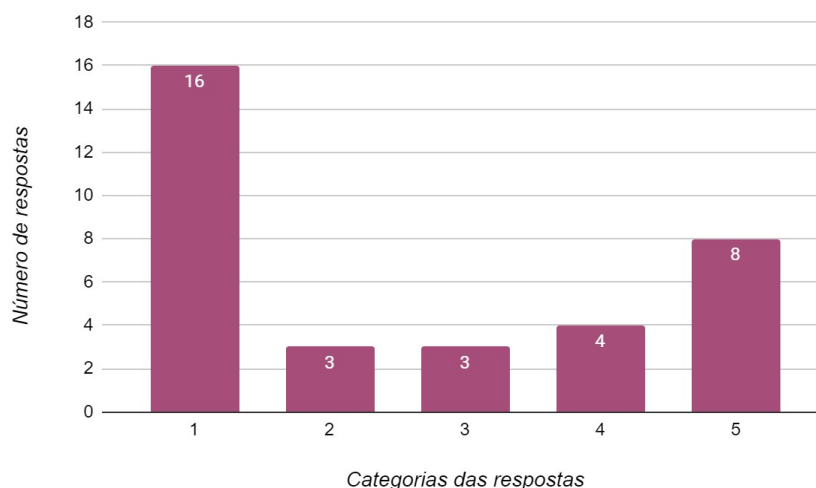
Gráfico 3. Qual sua série do Ensino Médio?

Gráfico 4. Qual sua idade?

Para a análise das questões discursivas, as respostas foram agrupadas em categorias qualitativas. As respostas à primeira pergunta “Para você, o que é um corpo?” foram divididas em seis categorias: 1. *Concepção biológica*; 2. *Concepção social*; 3. *Concepção filosófica*; 4. *Concepção antropocêntrica*; 5. *Não soube responder* (Gráfico 5).

Gráfico 5. Para você o que é um corpo?

A maioria dos alunos (16) definiu o corpo partindo da concepção biológica difundida pelos livros de Ciências e Biologia, que associam o corpo a uma estrutura física formada por um conjunto de órgãos, compreendendo suas funções fisiológicas. Exemplos de respostas são: “Uma estrutura, seja de humano, ou de animal” e “Amontoado de células”. Contrapondo essa

ideia, alguns alunos (4) apresentaram uma concepção antropocêntrica, relacionando o corpo apenas ao humano, como demonstra as seguintes respostas: “Humano”, “O que nos sustenta, nosso bem mais precioso”. Seguindo uma linha de raciocínio semelhante a essa, alguns alunos (3) atribuíram ao corpo, um significado filosófico, associando-o a sentimentos e crenças, como por exemplo: “Uma área de paz e respeito”, “Pra mim o corpo é a base de tudo”. Somente três alunos exibiram uma percepção social do corpo, como algo além do orgânico, um instrumento de interação com outras pessoas e o mundo ao seu redor. A título de exemplo: “É a nossa forma física, com ele que conseguimos interagir com o mundo”. Um número significativo de estudantes (8) não souberam responder a questão.

Os resultados da pergunta “O que você entende por "intersexualidade"? Como você descreveria uma pessoa intersexo?” foram reunidos em quatro categorias: *1. Concepção não-binária; 2. Concepção simplista; 3. Confundiu com orientação sexual e/ou identidade de gênero; 4. Não soube responder* (Gráfico 6).

Gráfico 6. O que você entende por "intersexualidade"? Como você descreveria uma pessoa intersexo?

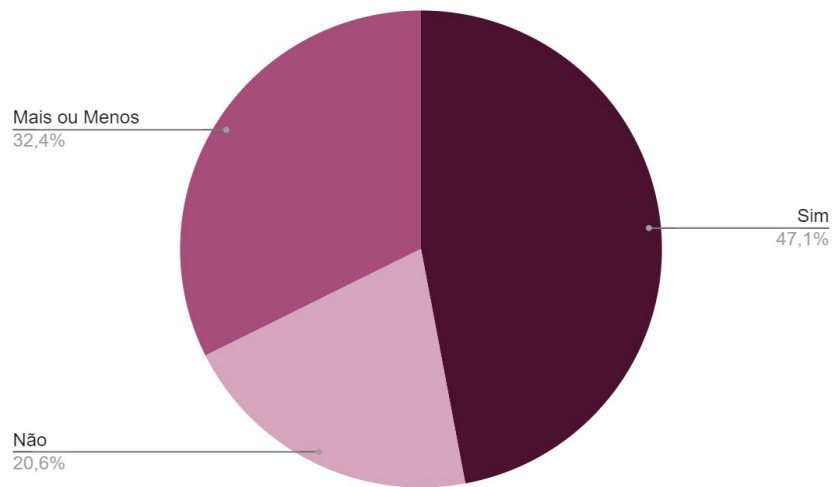


Um grande número de alunos (13) não soube responder a esse questionamento. No entanto, boa parte (8) apresentou uma visão não-binária sobre a intersexualidade, através da qual os indivíduos intersexo não se enquadram no binarismo “feminino ou masculino” determinado pela sociedade. Um exemplo de resposta é: “Pessoas que não se encaixam nas noções típicas de sexo feminino ou sexo masculino”. Sete alunos confundiram a intersexualidade com questões de orientação sexual e gênero, como: “Uma pessoa que gosta

de pessoas independente do gênero.” Seis alunos definiram a intersexualidade de maneira simplista e estereotipada, como: “Uma pessoa que nasceu com um pênis e uma vagina”.

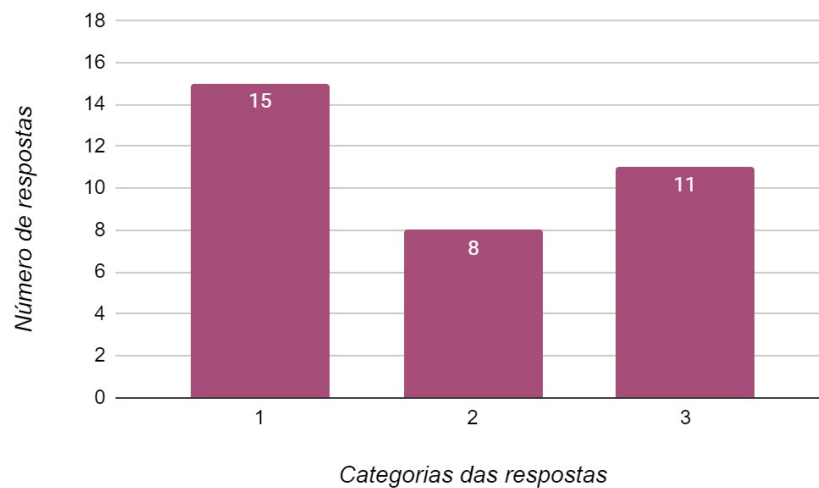
Quando questionados se sabiam a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, quase metade dos alunos (47,1%) responderam positivo à pergunta, enquanto 20,6% responderam de forma negativa e 32,4% selecionaram a opção “mais ou menos” (Gráfico 7).

Gráfico 7. Você sabe a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?



As respostas seguintes à pergunta “Na sua visão, qual a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?” foram separadas em três categorias: *1. Diferença bem definida*; *2. Diferença parcialmente definida e confusão de termos*; *3. Não soube responder* (Gráfico 8).

Gráfico 8. Na sua visão, qual a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?



Grande parte dos alunos (15) reconheceram a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, como em: “Identidade de gênero é oq vc é, em qual gênero vc se identifica, orientação sexual é a por quem vc sente atração/se apaixona”. Por outro lado, oito definiram de forma parcial a diferença entre os termos, ou confundiram os significados, como o caso a seguir: “Identidade de gênero é aquele que se considera homem ou trans, orientação sexual é pra orientar sobre usar preservativo”. Um número significativo de estudantes (11) não souberam responder à pergunta.

Os resultados da pergunta “Na sua opinião, o que é sexo?” foram agrupados em oito categorias: 1.*Concepção de contato físico*; 2.*Concepção de prazer*; 3.*Concepção de “sexo biológico”*; 4.*Concepção de reprodução e instinto*; 5.*Concepção de afeto*; 6.*Concepção religiosa*; 7.*Resposta que se encaixa em mais de uma categoria*; 8.*Não soube responder* (Gráfico 9).

Gráfico 9. Na sua opinião, o que é sexo?

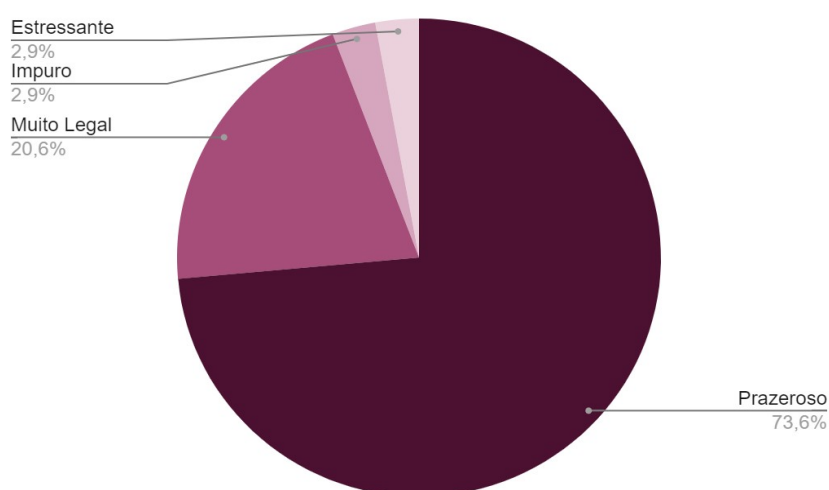


Sete alunos associaram o sexo diretamente com a vivência do prazer, como no caso: “Qualquer atividade que possa atribuir prazer para uma pessoa”. Cinco definiram o ato como sendo o contato físico entre pessoas ou genitais, um dos exemplos é: “Relação entre uma mulher e um homem” e “Contato com outras genitais”. Seguindo uma linha de raciocínio semelhante, cinco estudantes trataram o sexo a partir de uma concepção reprodutiva e de instinto humano, como mostram as respostas: “O ato q a mulher e o homem fazem pra ter filho.” e “Instinto humano”. Quatro deles atribuíram ao ato um significado de afeto, como em

“Quando duas pessoas que se amam e se respeitam estão pronto para parti para tal ato”. Apenas uma pessoa confundiu o ato sexual com a categoria de “sexo biológico”, segue a resposta: “Biologicamente como vc nasce. Como feminino ou masculino.” Um aluno também apresenta uma concepção religiosa sobre o sexo, definindo-o como: “Um ato prazeroso oferecidos pelos deus mitológico desde do jardim do edem por Adão e eva, o errado é sempre mais gostoso ja vem de experiência da eva”. A maioria das respostas (9) se encaixaram em mais de uma categoria, como em: “É o ato de reproduzir e sentir prazer”, e apenas duas pessoas não souberam responder.

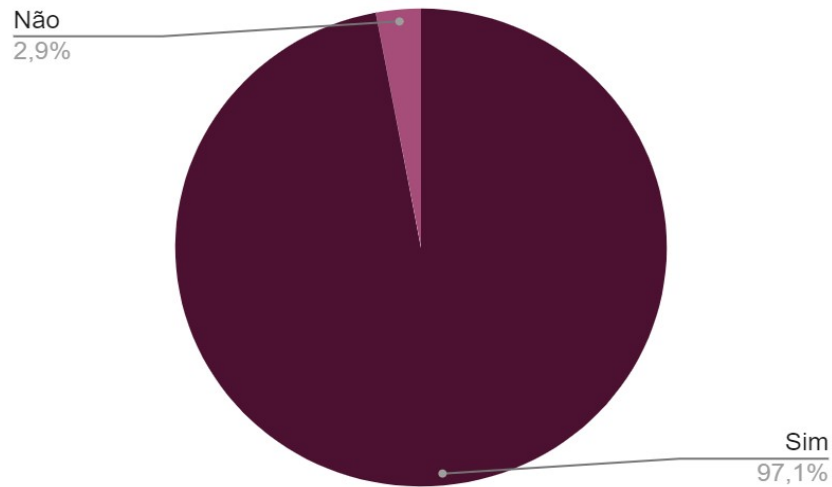
Quando questionados sobre como eles enxergam o sexo, foram apresentadas as categorias: *prazeroso*, *muito legal*, *impuro ou estressante*. A maior parte dos alunos (73,5%) consideram o sexo como um ato “prazeroso”, seguido daqueles que acham o sexo “muito legal” (20,6%). Somente uma pessoa (2,9%) em cada categoria enxerga o sexo como algo “estressante” e “impuro” (Gráfico 10).

Gráfico 10. Você enxerga o sexo como uma ato?



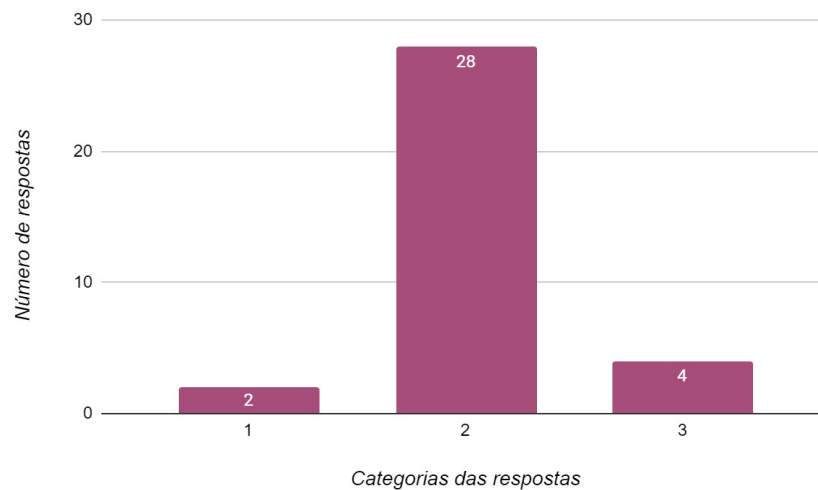
Os alunos foram indagados se sabiam o que são as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's). Quase todos (97,1%) responderam de forma positiva e apenas um (2,9%) de forma negativa (Gráfico 11).

Gráfico 11. Você sabe o que são IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis)?



As respostas à pergunta “Você conhece os métodos contraceptivos? Se sim, quais?” foram separadas em três categorias: 1. *Citou apenas um método*; 2. *Citou mais de um método*; 3. *Não soube responder* (Gráfico 12).

Gráfico 12. Você conhece os métodos contraceptivos? Se sim, quais?

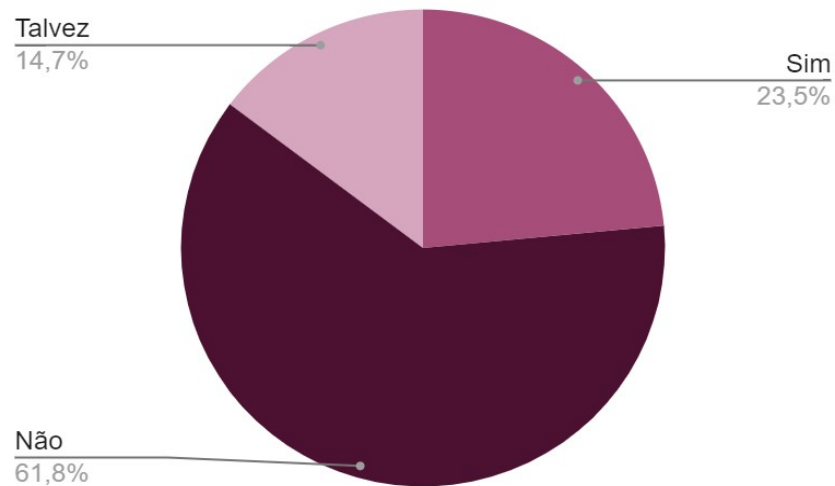


A maioria dos alunos (28) citou mais de um método contraceptivo, enquanto dois citaram apenas um método e quatro não souberam responder.

Nesse sentido, também foi perguntado se eles acham que todos os métodos contraceptivos que previnem a gravidez não planejada também combatem as IST's. Mais da

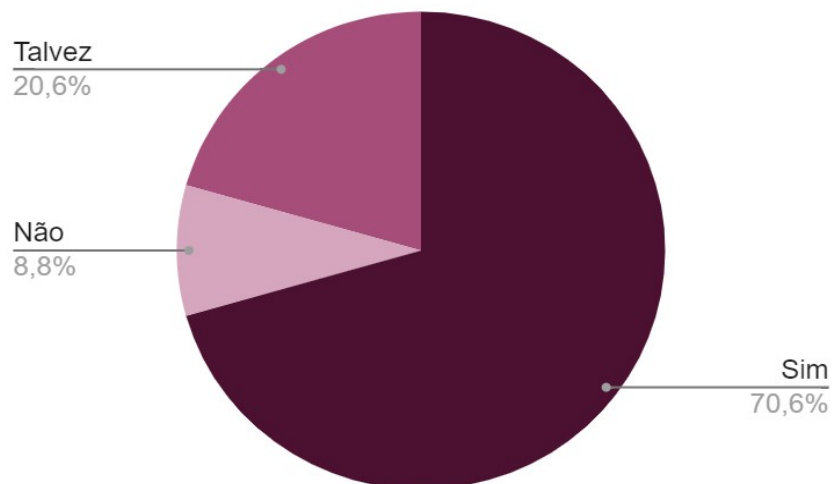
metade dos alunos (61,8%) não acreditam nessa afirmação, enquanto 23,5% ainda acreditam nessa falsa concepção, e 14,7% responderam “talvez” (Gráfico 13).

Gráfico 13. Você acha que todos os métodos que previnem a gravidez não planejada também combatem as IST's?



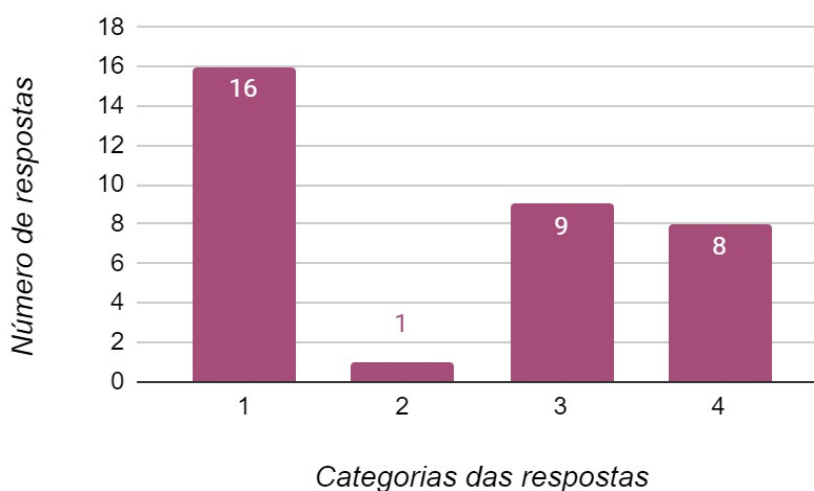
Quando foi perguntado se eles conseguiam identificar os tipos de assédio e abuso sexual nos diferentes ambientes sociais, a maioria (70,6%) respondeu que “sim”, seguido de 20,6% “talvez” e 8,8% “não” (Gráfico 14).

Gráfico 14. Você sabe identificar os tipos de assédio e abuso sexual nos diferentes ambientes sociais?



Os resultados da questão “Na sua visão, qual a influência da indústria pornográfica nos padrões corporais?” foram enquadrados em quatro categorias: *1.Padrões de beleza, pressão estética e distorção da realidade; 2.Objetificação da mulher; 3.Resposta superficial; 4.Não soube responder* (Gráfico 15).

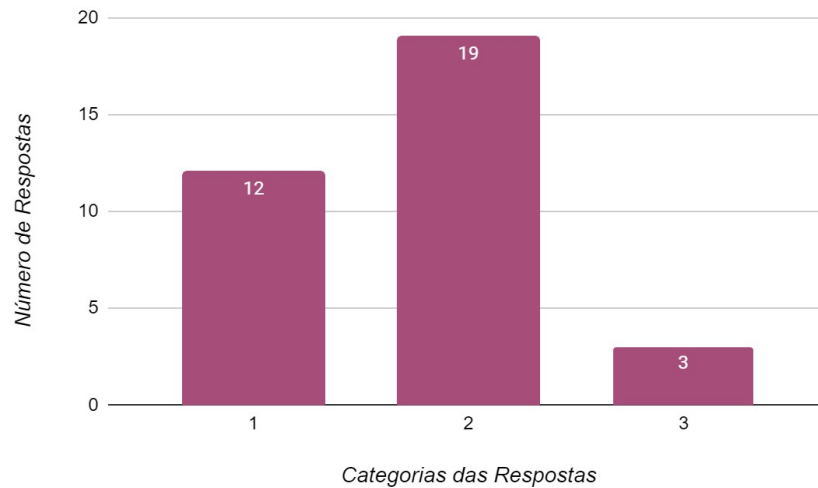
Gráfico 15. Na sua visão, qual a influência da indústria pornográfica nos padrões corporais?



O maior número de alunos (16) acreditam que a indústria pornográfica influencia nos padrões de beleza, pressão estética e distorção da realidade, um exemplo disso é dado na resposta: “Impõem corpos perfeitos e dentro dos padrões,para que as pessoas "desejem" ou sintam prazer em ver aquilo,mas na realidade todos sabem que existem corpos reais,formas diferentes,marcas e etc”. Um dos alunos relacionou a influência da indústria com a objetificação da mulher, segue a resposta “Eles dão à entender que o corpo da mulher é um objeto de prazer”. Nove apresentaram uma resposta superficial, como no caso: “Muito padrãozinho”, e oito não souberam responder.

As respostas à pergunta “Na sua visão, qual a influência das mídias (TV, Facebook, Instagram, etc) nos padrões corporais?” foram divididas em três categorias: *1.Resposta superficial; 2.Padrões de beleza, pressão estética e distorção da realidade; 3.Não soube responder* (Gráfico 16).

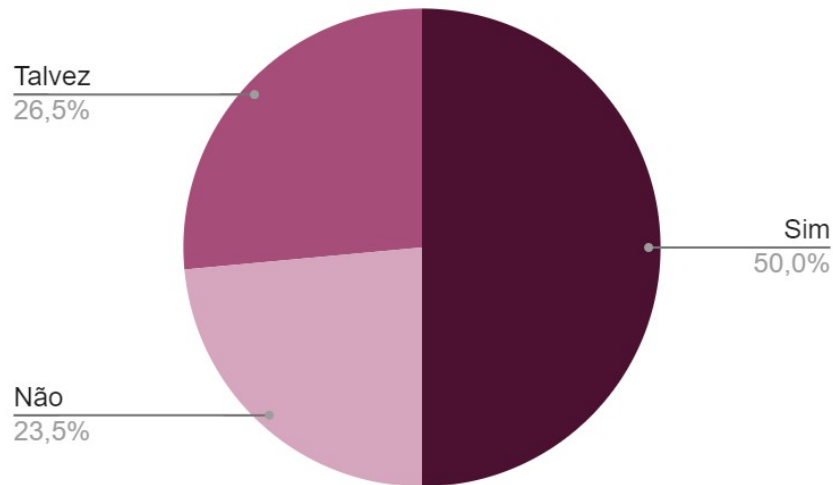
Gráfico 16. Na sua visão, qual a influência das mídias (TV, Facebook, Instagram, etc) nos padrões corporais?



Assim como na pergunta anterior, a maior parte dos alunos (19) acreditam que as mídias sociais influenciam nos padrões de beleza, pressão estética e distorção da realidade, como em: “Milhões de pessoas veem fotos de outras pessoas nas redes sociais com corpos ‘totalmente perfeitos’ e muitas pessoas se sentem muito mal em ver aquilo por achar seu corpo feio, e achar que tem que se enquadrar nos padrões de todas as formas possíveis, mesmo que saibam que na realidade ninguém é 100% perfeito”. Doze pessoas responderam de forma superficial à pergunta, como no caso: “Influencia totalmente”, e três não souberam responder.

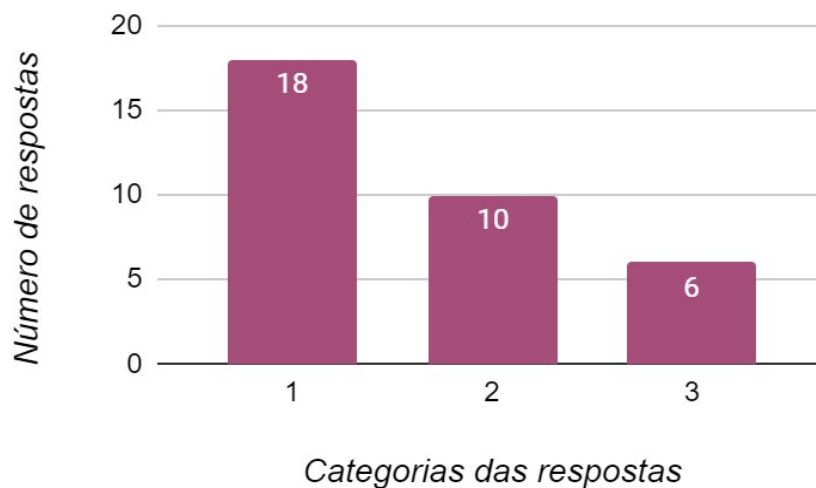
Ao serem questionados se nas aulas de anatomia do corpo humano, eles aprenderam sobre a diversidade dos corpos, metade (50%) respondeu que “sim”, 26,5% “talvez” e 23,5% “não” (Gráfico 17).

Gráfico 17. Em suas aulas de anatomia do corpo humano, você aprendeu sobre a diversidade dos corpos?



Os resultados da pergunta “O que você considera um relacionamento saudável com o próprio corpo?” foram agrupadas em três categorias: 1. *Autocuidado e aceitação do próprio corpo*; 2. *Amor próprio e autoestima*; 3. *Não soube responder* (Gráfico 18).

Gráfico 18. O que você considera um relacionamento saudável com o próprio corpo?



Grande parte dos estudantes (18) associaram o relacionamento saudável com o próprio corpo com o autocuidado e autoaceitação, um exemplo de resposta é: “Aceitação, cuidado, vc se sentir bem e confortável, e cuidar de si próprio”. Dez pessoas adotaram uma linha de pensamento similar, porém mais idealizada, associando o relacionamento saudável com o

amor próprio e autoestima, como mostra em: “Amar cada pedacinho de si!”. Seis alunos não souberam responder.

As respostas à pergunta “Para você, qual a importância da Educação Sexual nas escolas?” foram separadas em quatro categorias: *1.Sexo seguro, identificação de abusos e autoconhecimento; 2.Busca por informação; 3.Resposta superficial; 4.Não soube responder* (Gráfico 19).

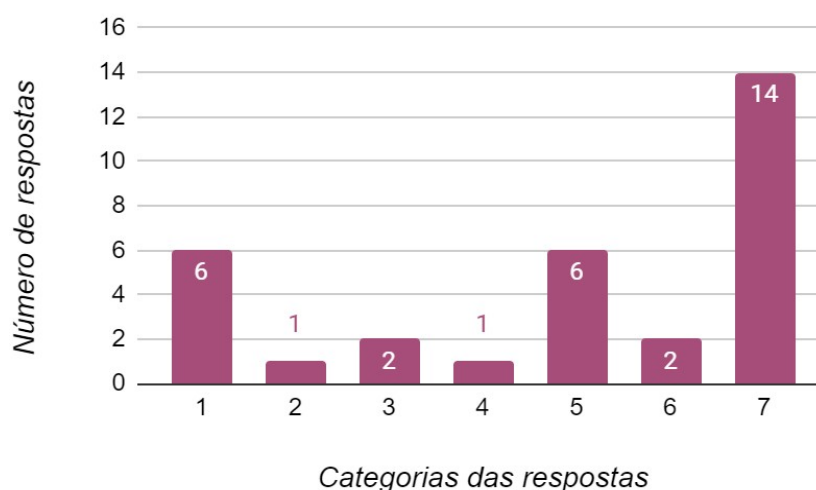
Gráfico 19. Para você, qual a importância da Educação Sexual nas escolas?



Um grande número de alunos (16) considera a Educação Sexual importante na prevenção de IST's e gravidez não-planejada (sexo seguro), na identificação de abusos e no autoconhecimento, segue um exemplo de resposta: “É de extrema importância, pois ajuda a prevenir gravidez precoce, contribui para prevenção de doenças sexuais, ajuda crianças a identificar abuso sexual e denunciar”. Sete pessoas julgam a Educação Sexual importante na busca por informação, por acreditarem que não há muito diálogo nesse sentido, como em: “Importante: Por que algumas famílias não tem o diálogo sobre o assunto”. Oito tiveram uma resposta superficial, como: “Muito informativa”, e três não souberam responder.

Por fim, os resultados da última pergunta do formulário prévio, “Sobre quais assuntos você gostaria de aprender nas nossas aulas de Educação Sexual?” foram enquadrados em sete categorias: *1.Orientação sexual e Identidade de gênero; 2.Conceito social de “virgindade”; 3.Amor próprio e autoconhecimento; 4.Indústria pornográfica e mídias sociais; 5.Prevenção contra IST's, gravidez não-planejada e identificação de assédio; 6.Resposta que se encaixa em mais de uma categoria; 7.Não manifestou preferência* (Gráfico 20).

Gráfico 20. Sobre quais assuntos você gostaria de aprender nas nossas aulas de Educação Sexual?



A maioria dos alunos (14) não manifestou preferência em relação aos assuntos que gostariam de aprender nas aulas de Educação Sexual. Dentre os que manifestaram, seis gostariam de aprender sobre orientação sexual e identidade de gênero; seis também sobre prevenção contra IST's, gravidez não-planejada e identificação de assédio; dois sobre amor próprio e autoconhecimento; um sobre a influência nos corpos da indústria pornográfica e mídias sociais; um sobre o conceito social de “virgindade”. Duas respostas se encaixaram em mais de uma categoria. Como essa última questão não era obrigatória, dois alunos não responderam.

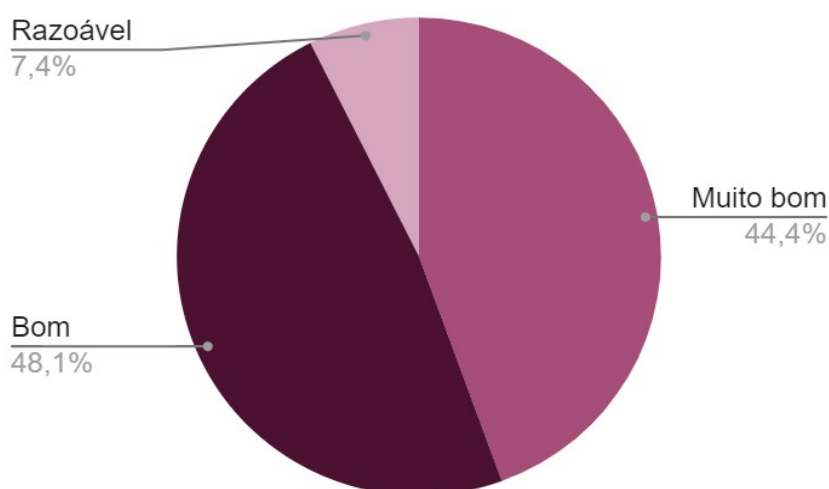
5.2 Análise dos formulários pós-aula

No geral, os formulários aplicados após as aulas tiveram baixa adesão pelos alunos. O primeiro com quatro respostas, o segundo e o terceiro com nenhuma, o quarto com cinco e o quinto com apenas três. Em decorrência do número significativamente baixo de respostas, não foi possível estabelecer uma comparação direta entre o formulário prévio e os pós-aula. No entanto, analisando os resultados, notou-se que as respostas se direcionaram aos conteúdos abordados nas aulas.

5.3 Análise do formulário de avaliação do material didático

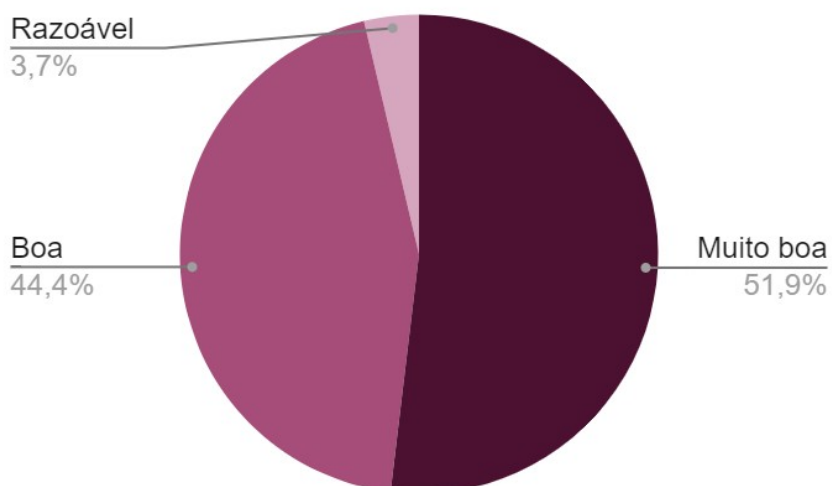
O formulário de avaliação do material didático obteve um total de 27 respostas, incluindo as das professoras de Biologia. Primeiro, em resposta ao que acharam do conteúdo teórico do material, a maioria dos alunos (48,1%) considera o material “bom”, seguindo de “muito bom” (44,4%) e “razoável” (7,4%) (Gráfico 21).

Gráfico 21. O que você achou do conteúdo teórico do material didático?



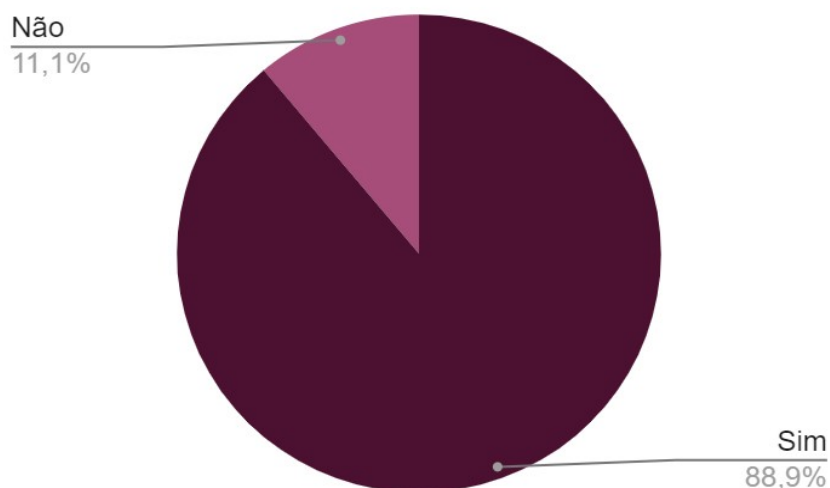
Em seguida, os alunos opinaram sobre a estética do material. Mais da metade (51,9%) a julgam como “muito boa”, seguindo de “boa” (44,4%) e “razoável” (3,7%) (Gráfico 22).

Gráfico 22. O que você achou da aparência do material?



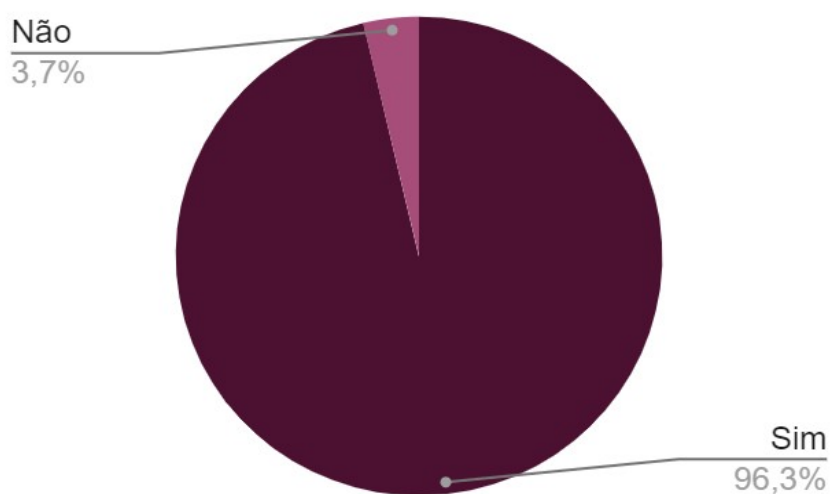
A terceira pergunta referia-se à recomendação do material a outras pessoas. Quase todos os alunos (88,9%) recomendariam o material a alguém, enquanto apenas 11,1% não recomendariam (Gráfico 23).

Gráfico 23. Você recomendaria o material para alguém?



Quanto à utilidade do material, apenas um aluno (3,7%) não pretende utilizar o material como fonte de consulta para possíveis dúvidas. Portanto, quase todos (96,3%) possuem intenção de usar o material como fonte de conhecimento (Gráfico 24).

Gráfico 24. Você pretende utilizar o material como fonte de consulta para possíveis dúvidas?



A última pergunta era uma caixa de texto aberta não obrigatória, para deixarem algum comentário ou sugestão sobre o material. No total foram cinco respostas. Três alunos responderam: *“Gostei do material”*; *“Eu gosto de ler”*; *“Excelente trabalho muito bem feito com extrema competência e profissionalismo parabéns”*. As outras duas respostas foram das professoras: *“A criatividade foi excelente... principalmente p representar o órgãos externas do aparelho reprodutor”* – Gisele; *“O material está muito bem feito, tanto esteticamente, quanto em conteúdo. As imagens e a disposição dos conteúdos torna o material atrativo”* – Vânia.

6 DISCUSSÃO

A partir da análise dos formulários e da participação dos alunos nas aulas, constatou-se que, no geral, eles possuem conhecimentos básicos na área da sexualidade, mas muitos se limitam somente àquilo que já é ensinado nas aulas de Biologia. Notou-se também que algumas visões são influenciadas pela sociedade heterocisnormativa e conservadora. Dentro da própria Educação Sexual existem temáticas que são mais abordadas e socialmente aceitas. Entretanto, os alunos mostraram-se abertos a novos conteúdos que vão além dos padrões já vigentes. Nesse sentido, acredita-se que o material didático, que foi bem aceito pela grande maioria dos alunos, pode ser uma excelente fonte de conhecimento na área de sexualidade.

Embora tenham sido encaminhadas as aulas gravadas e os links dos formulários nos grupos, possivelmente, a pouca aderência ocorreu devido ao formato online das aulas, à baixa frequência dos alunos e à sobrecarga de atividades do currículo comum. Mesmo assim foi possível atender as expectativas do projeto, uma vez que os poucos alunos presentes estavam interessados e ativos, o que não inviabilizou resultados positivos.

7 CONCLUSÃO

Apesar de todos os problemas decorrentes da pandemia da COVID-19 no Brasil, foi possível desenvolver o projeto, adaptando-o às demandas do momento atual. Acredita-se que o estágio contribuiu para a formação profissional e amadurecimento psicossocial das estagiárias. Em relação aos alunos, considera-se que os aprendizados agregaram em uma

formação extracurricular, sendo de extrema importância para o desenvolvimento do senso crítico sobre as questões de sexualidade.

8 CARGA HORÁRIA EFETUADA

A distribuição da carga horária deu-se da seguinte forma: 40 horas de observação de aulas (aulas de biologia, orientação de estudos e ATPC's); 30 horas de regência (aulas presenciais, online e plantões de estudo) e 40 horas de produção do material didático. As demais 205 horas foram destinadas a reuniões com o orientador; elaboração do projeto de estágio; estudo aprofundado dos materiais científicos relacionados à área do estágio; planejamento e montagem das aulas e redação do relatório final.

REFERÊNCIAS

ANTRA. **Boletim nº 002-2021**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-2021-1sem2021-1.pdf>> Acesso em: 21, jul. 2021.

ASSASSINATO de jovem gay brasileiro causa comoção na Espanha. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/07/05/assassinato-de-jovem-de-origem-brasileira-causa-comocao-na-espanha.ghtml>> Acesso em: 27, jul. 2021.

BARR, Anne Rachel. Watching pornography rewires the brain to a more juvenile state. **The conversation**, 2019. Disponível em: <<https://theconversation.com/watching-pornography-rewires-the-brain-to-a-more-juvenile-state-127306>> Acesso em: 13 maio 2021.

BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira. Importância do estágio supervisionado para a formação de professores. **XVII Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão. Anais: Unicruz**, p. 01-4, 2012. Disponível em: <<https://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>> Acesso em: 09 nov. 2021.

BRASIL. Lei Nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em 8 abr. 2021.

BRASIL. Lei Nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm> Acesso em 08 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. **Boletim epidemiológico**. Brasília, v.49, 2018. Disponível em: <<https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2018/junho/25/2018-024.pdf>> Acesso em: 02 dez. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais, Ética**. Brasília: MEC/SEF, 146 p., 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>> Acesso em: 07 abr. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2021.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 105-142.

CAVALCANTI, Diego Rocha Medeiros. O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo. **CAOS-Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 9, p. 53-60, 2005. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/diegorocha.pdf>> Acesso em: 13 dez. 2020.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educar em revista**, p. 37-51, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/KJYWKvFypgHjzbMtm4MvwDv/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 14 abr. 2021.

DIAS, Juliana Rocha Adelino. O corpo e as relações sociais na vida escolar do adolescente. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, XI, Curitiba: PUCPR. **Anais eletrônicos**. Curitiba, 2013. p. 6471-6484. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8688_5387.pdf> Acesso em: 10 ago. 2021.

DOIS meses após crime, corpo de jovem morto em caso de homofobia ainda não foi liberado; família aguarda decisão da Justiça. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/09/15/dois-meses-apos-crime-corpo-de-jovem-morto-em-caso-de-homofobia-ainda-nao-foi-liberado-familia-aguarda-decisao-da-justica.ghtml>> Acesso em: 27, jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga et al. Observatório de Mortes Violentas de LGBTI+ no Brasil em 2020: **Relatório da Acontece Arte e Política LGBTI+ e Grupo Gay da Bahia**. Florianópolis, 2021. Disponível em: <<https://observatoriomortesviolentaslgbtibrasil.org/2020-1/>> Acesso em: 28, jul. 2021.

JUNTOS iremos acabar com essa internet doente', diz Walkyria Santos em homenagem a filho encontrado morto. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/08/04/juntos-iremos-acabar-com-essa-internet-doente-diz-walkyria-santos-em-homenagem-a-filho-encontrado-morto.ghtml>> Acesso em: 27 jul. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MARQUES, Emanuele Souza et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00074420, 2020. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csp/2020.v36n4/e00074420/>> Acesso em: 02 ago. 2021.

PAINS, Clarissa. Menino de 9 anos comete suicídio após contar a colegas de escola que era gay. **EXTRA**, 2018. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/mundo/menino-de-9-anos-comete-suicidio-apos-contar-colegas-de-escola-que-era-gay-23017086.html>> Acesso em: 27 jul. 2021.

MORRE mulher trans que teve 40% do corpo queimado por adolescente no Centro do Recife. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2021/07/09/morre-a-mulher-trans-que-teve-40percent-do-corpo-queimado-por-adolescente-no-centro-do-recife.ghtml>> Acesso em: 22, jul. 2021.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. A ATPC como espaço de Formação Continuada. São Paulo, 2020. Disponível em: <<http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portals/84/docs/pdf/Documento20Orientador%20do%20Programa%20de%20Forma%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2021.

TRANS assassinada no Ceará é a mais jovem morta por transfobia no país, aponta relatório da Antra. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/07/07/trans-assassinada-no-ceara-e-a-mais-jovem-morta-por-transfobia-no-pais-aponta-relatorio-da-antra.ghtml>> Acesso em: 22, jul. 2021.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**. 2014. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227762>> Acesso em: 10 maio. 2021.

UNESP- IBILCE. Portaria do Diretor N° 23, de 28 de outubro de 2009. Dispõe sobre o Regulamento de Estágio Curricular Supervisionado III, na modalidade Licenciatura, do Curso de Graduação em Ciências Biológicas deste Instituto. São José do Rio Preto, p. 01-08, 2009. Disponível em: <https://www.ibilce.unesp.br/Home/Cursos/Biologia/estagio_licenciatura_regulamento.pdf> Acesso em: 08 nov. 2021.

UNESP- IBILCE. Resolução Unesp N° 34/2005 de 31 de março de 2015. Alteração Curricular do Curso de Graduação em Ciências Biológicas- Modalidade Licenciatura. São José do Rio Preto, p. 01-18, 2015. Disponível em: <<https://www.ibilce.unesp.br/Home/Graduacao450/CienciasBiologicas1393/2015.pdf>> Acesso em: 08 nov. 2021.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 43-104.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO ÀS AULAS

CAMISINHA: Saiba como se vestir de forma segura. **ISAUDE**, 2012. Disponível em: <<https://www.isaude.com.br/noticias/detalhe/noticia/camisinha-saiba-como-se-vestir-de-forma-segura/>> Acesso em: 29 mar. 2021.

CORPO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. 7 graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/corpo/>> Acesso em: 27 out. 2021.

COSTA, Anderson. Intersex: o que você precisa saber sobre o I em LGBTI+ no Dia da Visibilidade Intersexual. **Grupo Dignidade**, 2019. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/intersex-o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-i-em-lgbti-no-dia-da-visibilidade-intersexual/>> Acesso em: 20 maio. 2021.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**, 2012. Disponível em: <https://www.dive.sc.gov.br/conteudos/agrivos/publicacoes/ORIENTACOES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_GENERO_CONCEITOS_E_TERMOS_2_Edicao.pdf> Acesso em: 11 jun. 2021.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p. 51-61, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819>> Acesso em: 18 ago. 2021.

INFECÇÕES Sexualmente Transmissíveis. **GOVBR**, 2019. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>> Acesso em: 29 mar. 2021.

MARTINI, F.H.; TIMMONS, M.J.; TALLITSCH, R.B. **Anatomia Humana**. Porto Alegre: Grupo A, 2009. 9788536320298. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536320298/>>. Acesso em: 20 out. 2021

OMS retira transexualidade da lista de doenças e distúrbios mentais. **GOVBR**, 2018. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais>> Acesso em: 17 jun. 2021.

O QUE são IST?. **Grupo de Incentivo à Vida**. Disponível em: <<http://giv.org.br/GIV/Quem-Somos/index.html>> Acesso em: 29 mar. 2021.

PINTO, Naiara Moura. Corpos da moda: mídia e padrão de beleza. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, XV., 2019, Salvador: UFRB. **Anais eletrônicos...** Salvador: CULT, 2019. p. 01-13. Disponível em: <<http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112143.pdf>> Acesso em: 01 set. 2021.

PONTELO, Rebecca. Gravidez trans: entenda como ela é possível. **CEFERP**, Ribeirão preto, 2021. Disponível em: <<https://ceferp.com.br/blog/gravidez-trans-entenda-como-ela-e-possivel/>> Acesso em: 27 out. 2021.

TIPOS de violência. **Instituto Maria da Penha (IMP)**, 2018. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>> Acesso em: 05 Ago. 2021.

WORLD Health Organization (WHO). International Classification of Diseases 11th revision (ICD-11). Disponível em: <<https://www.who.int/standards/classifications/classification-of-diseases>> Acesso em: 16 jun. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Formulário de conhecimentos prévios

*Obrigatório

1. Nome*
2. Qual seu sexo biológico?*

 - a) Feminino
 - b) Masculino
 - c) Intersexual
 - d) Prefiro não declarar
 - e) Outros

3. Qual a sua idade? (colocar número inteiro. Exemplo: 16)*
4. Qual sua série do ensino médio?*

 - a) 1ª série
 - b) 2ª série
 - c) 3ª série

5. Para você, o que é um corpo?*
6. O que você entende por "intersexualidade"? Como você descreveria uma pessoa intersexo?*
7. Você sabe a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?*

 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Mais ou menos

8. Na sua visão, qual a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?*
9. Na sua opinião, o que é sexo?*
10. Você enxerga o sexo como uma ato:*

 - a) Impuro
 - b) Muito legal
 - c) Prazeroso
 - d) Estressante

11. Você sabe o que são IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis)?*
 - a) Sim
 - b) Não
 12. Você conhece os métodos contraceptivos? Se sim, quais?*
 13. Você acha que todos os métodos que previnem a gravidez não planejada também combatem as IST's?*
- a) Sim
- b) Não
- c) Talvez
14. Você sabe identificar os tipos de assédio e abuso sexual nos diferentes ambientes sociais?*- a) Sim
- b) Não
- c) Talvez
- 15. Na sua visão, qual a influência da indústria pornográfica nos padrões corporais?*
- 16. Na sua visão, qual a influência das mídias (TV, Facebook, Instagram, etc) nos padrões corporais?*
- 17. Em suas aulas de anatomia do corpo humano, você aprendeu sobre a diversidade dos corpos?*- a) Sim
- b) Não
- c) Talvez
- 18. O que você considera um relacionamento saudável com o próprio corpo?*
- 19. Para você, qual a importância da Educação Sexual nas escolas?*
- 20. Sobre quais assuntos você gostaria de aprender nas nossas aulas de Educação Sexual?

APÊNDICE B – Formulário referente à aula 1

*Obrigatório

1. Após a aula, sua concepção sobre corpo mudou?*
- a) Sim

- b) Não
- 2. Para você, o que é um corpo?*
- 3. Na sua visão, qual a influência das mídias (TV, Facebook, Instagram, etc) nos padrões corporais?*

APÊNDICE C – Formulário referente à aula 2

*Obrigatório

- 1. Você sabe a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?*
- a) Sim
- b) Não
- 2. Na sua visão, qual a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?*
- 3. Como você definiria uma pessoa trans?*

APÊNDICE D – Formulário referente à aula 3

*Obrigatório

- 1. O que você entende por "intersexualidade"? Como você descreveria uma pessoa intersexo?*
- 2. Por que é importante desconstruir a visão binária “feminino x masculino”?*

APÊNDICE E – Formulário referente à aula 4

*Obrigatório

- 1. Você sabe o que são IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis)?*
- a) Sim
- b) Não
- 2. Você conhece os métodos contraceptivos? Se sim, quais?*

3. Você acha que todos os métodos que previnem a gravidez não planejada também combatem as IST's?*

 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Talvez

4. Na sua opinião, o que é sexo?*
5. Você enxerga o sexo como uma ato:*

 - a) Impuro
 - b) Muito legal
 - c) Prazeroso
 - d) Estressante

6. Você acha que o seu corpo merece prazer?*

 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Talvez

APÊNDICE F – Formulário referente à aula 5

*Obrigatório

1. Você sabe identificar os tipos de assédio e abuso sexual nos diferentes ambientes* sociais?

 - a) Sim
 - b) Não

2. Na sua visão, qual a influência da indústria pornográfica nos padrões corporais, na vida pessoal e nos relacionamentos?*

APÊNDICE G – Formulário de avaliação do material didático

*Obrigatório

1. O que você achou do conteúdo teórico do material didático?*

- a) Muito bom
 - b) Bom
 - c) Razoável
 - d) Ruim
2. O que você achou da aparência do material?*
- a) Muito boa
 - b) Boa
 - c) Razoável
 - d) Ruim
3. Você recomendaria o material para alguém?*
- a) Sim
 - b) Não
4. Você pretende utilizar o material como fonte de consulta para possíveis dúvidas?*
- a) Sim
 - b) Não
5. Se tiver algum comentário ou sugestão sobre o material, deixe no espaço abaixo: